

Aula 07

*BNB (Analista Bancário) Passo
Estratégico de Português - 2023
(Pré-Edital)*

Autor:
Carlos Roberto

08 de Setembro de 2023

1 - Apresentação	3
2 - Análise Estatística	4
3 – Tipologia Textual.....	5
3.1 - Narração	5
3.1.1 – Discurso Direto.....	7
3.1.2 – Discurso Indireto	7
3.2 – Descrição.....	8
3.3 – Injunção.....	8
3.4 - Dissertação	9
4 - Linguagem	12
4.1 – Linguagem Verbal.....	13
4.2 – Linguagem Não Verbal	13
4.3 – Funções da Linguagem	14
4.3.1 – Função Emotiva	14
4.3.2 – Função Referencial	14
4.3.3 – Função Apelativa	15
4.3.4 – Função Metalinguística	15
4.3.5 – Função Poética.....	16
4.3.6 – Função Fática.....	17
4.4– Figuras de Linguagem	17
4.4.1 - Metáfora.....	18
4.4.2 - Metonímia	19
4.4.3 - Catacrese	20
4.4.4 - Perífrase.....	20
4.4.5 - Sinestesia	20
4.5 – Figuras de Sintaxe	21
4.5.1 – Hipérbato	21
4.5.2 – Pleonismo.....	21



4.5.3 – Anacoluto.....	23
4.5.4 – Elipse	23
4.5.5 – Zeugma	23
4.5.6 – Assíndeto.....	24
4.5.7 – Polissíndeto	24
4.5.8 – Anáfora	24
4.6 – Figuras de Pensamento	25
4.6.1 – Antítese	25
4.6.2 – Hipérbole.....	25
4.6.3 – Eufemismo	25
4.6.4 – Prosopopeia	26
5 - Fonética.....	26
5.1 - Classificação dos fonemas.....	26
5.2 – Classificação das vogais	26
5.2.1 – Quanto ao timbre	27
5.2.2 – Quanto ao uso das cavidades bucal e nasal	27
5.2.3 – Quanto à intensidade	27
5.3.4 – Encontros vocálicos	28
5.3.4.1 - Ditongos.....	28
5.3.4.2 - Tritongos.....	30
5.3.4.2 - Hiato	30
5.4 – Consoantes.....	30
5.4.1 - Dígrafos.....	31
5.4.2 – Contagem de letras e fonemas em uma palavra.....	32
5.5 - Sílabas	32
5.5.1 – Quanto à sonoridade	33
5.5.2 – Quanto ao número de sílabas	33
5.6 - Divisão de sílabas e Translineação.....	33



5.6.1 - Divisão Silábica	34
6 - Aposta Estratégica	35
7 - Questões-chave de revisão	36
8 – Lista de questões comentadas	48
9 - Revisão estratégica	65
9.1 Perguntas	65
9.2 Perguntas e respostas	66

1 - APRESENTAÇÃO

Olá, servidores.

Na aula de hoje abordaremos **Tipologia Textual**, **Linguagem** e **Fonética**.

É fundamental sabermos classificar os textos com os quais nos deparamos no trabalho ou em concursos públicos. Utilizam-se diferentes tipologias para expor opiniões, descrever objetivamente um fato, interpretar textos, analisar um caso hipotético.

Todavia, seria impossível a construção de qualquer tipo de texto sem a utilização da linguagem, um dos maiores recursos do ser humano, ferramenta riquíssima, por meio da qual é possível revelar o meio social da pessoa ou até mesmo influenciar os demais a mudar o mundo.

Por derradeiro, vamos revisar, hoje, a fonética, ciência de primordial importância para o estudo de uma língua, uma vez que um fonema pode corresponder a vários grafemas (letras) e uma mesma letra pode corresponder a vários fonemas, como a seguir veremos.

Boa aula a todos!

Prof. Carlos Roberto

#amoraovernáculo

“A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”.



2 - ANÁLISE ESTATÍSTICA

Língua Portuguesa - % de cobrança em provas anteriores (Cesgranrio)

Interpretação de textos; reescrita de frases.	36,77%
Semântica; regência verbal; regência nominal;	16,86%
Classes de Palavras; formação e estrutura das palavras.	13,35%
Ortografia; acentuação gráfica; crase.	10,30%
Concordância verbal; concordância nominal; vozes verbais.	8,90%
Tempos e modos verbais.	5,39%
Termos da oração; partícula "se"; vocábulo "que"; vocábulo "como".	2,81%
Função sintática dos pronomes átonos; função sintática dos pronomes relativos; colocação pronominal.	2,34%
Relação de coordenação e subordinação das orações; pontuação.	2,11%
Linguagem; tipologia textual; fonética.	1,17%
TOTAL	100,00%



3 – TIPOLOGIA TEXTUAL

Para abordar a **Tipologia Textual**, inicialmente é necessário diferenciar alguns conceitos:

Tipologia – molde/estrutura/padrão usado para a construção de um texto dentro de uma intencionalidade comunicativa. A tipologia textual, portanto, relaciona-se com a estrutura, com o conteúdo e com a forma de apresentação de um texto.

Língua – é a fala verbalizada ou estruturada gramaticalmente dentro de um grupo específico de falantes.

Linguagem – é o mecanismo de códigos, signos, sinais, que garante a comunicação.

Gênero – caracterização de um estilo de escrita/fala, conforme as relações cotidianas. Portanto, o gênero textual aparece sempre conectado a um contexto histórico e cultural. Os e-mails, as receitas e as cartas, por exemplo, são gêneros textuais.

Importante fazer a distinção entre tipologia e gênero textuais. O tipo textual é o conjunto de características de um texto.

Por seu turno, o gênero textual seria uma espécie do tipo textual.

Para melhor esclarecer, podemos afirmar que um texto narrativo (tipo) pode ser um romance, um uma crônica ou um depoimento (gêneros).

Na aula de hoje revisaremos as principais classificações cobradas em concursos públicos: **a narração, a descrição, a injunção e a dissertação.**

3.1 - NARRAÇÃO

A narração é a tipologia textual cujo foco é contar uma história com tempo e espaço delimitados.

São gêneros narrativos:





EXEMPLOS DE GÊNEROS NARRATIVOS

- **CONTO:** poucos personagens, conflitos psicológicos leves, texto curto, início, meio e fim.
- **CRÔNICA:** cotidiano, efemeridade, crítica social indireta, ironia.
- **RELATO:** 1ª pessoa, experiência, emoções, dificuldades, superações.
- **ROMANCE:** um foco narrativo, várias personagens, texto longo, situações complexas.
- **NOVELA:** vários focos narrativos, várias personagens, quebra de expectativa, intervalos.
- **FÁBULA:** histórias com moral, personificação de animais.

Na narrativa, sempre há uma sequência lógica a ser oferecida ao leitor. Há relação de anterioridade, de posterioridade e o tempo verbal mais recorrente é o passado.

Observe a estrutura de uma narração:

INTRODUÇÃO	O autor apresenta as personagens, o tempo e local em que estão inseridos, contextualizando o leitor.
SITUAÇÃO CONFLITANTE	A situação inicial das personagens é alterada por algum acontecimento, geralmente com suspense, demandando uma ação.
DESENVOLVIMENTO	O leitor é informado sobre o que as personagens fizeram para resolver o conflito ou acontecimento.
CLÍMAX	Momento de emoção ou tensão que prende a atenção do leitor e demanda uma conclusão.
DESFECHO	Encerramento do suspense apresentado durante a narrativa.

As bancas costumam cobrar o tipo de discurso do narrador.

A seguir, apresentamos a diferença entre os discursos **direto**, **indireto** e **indireto livre**.



3.1.1 – DISCURSO DIRETO

No **discurso direto**, o narrador faz uma pausa na sua narração, a fim de transcrever fielmente a fala do personagem, com o escopo de conferir autenticidade ao texto, distanciando o leitor do encargo daquilo que é dito. Observe as **principais características** presentes no discurso direto:

- a) Uso dos verbos: falar, responder, perguntar, declarar, etc.;
- b) Uso dos sinais de pontuação: travessão, exclamação, interrogação, dois pontos, aspas;
- c) Uso do discurso no meio do texto.

Exemplos:

A mãe afirmou:

– Você precisa ganhar dinheiro logo para morar sozinho!

O filho perguntou:

– Mãe, como conseguirei morar sozinho antes de passar em um concurso?

3.1.2 – DISCURSO INDIRETO

No **discurso indireto** há a interferência do narrador na fala da personagem. Aqui, não há as próprias palavras da personagem. Possui como **principais características**:

- a) Discurso narrado em 3ª pessoa;
- b) Geralmente não utiliza verbos de elocução, tais como: falar, responder, perguntar, indagar, declarar. Todavia, quando ocorre, não há utilização do travessão, pois geralmente as orações são subordinadas. Por essa razão, as conjunções são utilizadas no discurso indireto.

Exemplos:

*A mãe afirmou **que** o filho precisa ganhar dinheiro logo para morar sozinho.*

*O filho perguntou à mãe **como** conseguiria morar sozinho antes de passar em um concurso.*



3.2 – DESCRIÇÃO

Descrição é a tipologia textual que possui como objetivo detalhar fatos, cenas, objetos, pessoas, animais, etc., com a finalidade de dar precisão na percepção textual.

Na descrição, portanto, o autor se coloca na posição de simples observador e detalha como é determinada coisa, expondo seu sentimento ou opinião. Assim, torna possível ao leitor criar, em sua mente, uma imagem do que está sendo descrito.

Tal descrição pode ser objetiva ou subjetiva e abordar coisas, pessoas ou situações.

Na descrição, a classe de palavras mais recorrente é o adjetivo. Ao contrário da narração, não há relação de anterioridade e posterioridade.

EXEMPLOS DE GÊNEROS DESCRITIVOS



- LAUDOS
- RELATÓRIOS
- GUIAS DE VIAGEM
- CARDÁPIOS

Atenção!!! Nos textos literários, também pode ser encontrada a descrição subjetiva.

3.3 – INJUNÇÃO

Os textos que apresentam linguagem injuntiva têm como característica comandos ou instruções ao leitor, pela utilização de ordem ou conselho. A imperatividade marca a injunção, pois nesta tipologia textual o autor objetiva controlar a ação do leitor utilizando a forma imperativa, por meio da utilização de uma linguagem muito mais objetiva e direta.

Os textos injuntivos indicam ao leitor como realizar determinada ação: impondo, aconselhando ou instruindo o leitor. É também conhecido como **texto instrucional**.



Por sua vez, textos exortativos são aqueles nos quais o autor tenta convencer, de qualquer maneira, o leitor a fazer determinada coisa.

EXEMPLOS DE GÊNEROS INJUNTIVOS



- RECEITAS CULINÁRIAS
- BULAS
- SINOPSES
- EDITAIS DE CONCURSO
- MANUAIS DE INSTRUÇÕES
- REGULAMENTOS
- CÓDIGOS

3.4 - DISSERTAÇÃO

A **dissertação** é uma tipologia textual que possui como objetivos expor, analisar ou defender determinada tese ou ponto de vista sobre um assunto.

A dissertação é marcada como uma tipologia textual objetiva e impessoal, considerando que o principal foco não é o autor, mas sim o assunto que está sendo explorado.



Em uma tipologia textual, pode haver características de outra tipologia. Todavia, para definição do tipo de texto como um todo, deve-se observar a predominância/intenção do autor.

É comum a divisão da dissertação três estruturas lógicas: a **introdução**, o **desenvolvimento** e uma **conclusão**, conforme veremos a seguir.

Para ser bem compreendido, um texto dissertativo precisa ter uma estrutura organizada. A **progressividade textual (ou progressividade temática)**¹ é uma das características intrínsecas do

¹ **Progressividade Temática:** processo de crescimento contínuo aplicado ao texto por meio de uma sequência lógica do pensamento.



texto dissertativo. Ao organizar uma sequência de ideias, cada parágrafo é estruturado de maneira a dialogar com um parágrafo escrito anteriormente.

Além disso, observa-se que os parágrafos posteriores se articulam um ao outro no texto num processo progressivo, por meio de elementos coesivos, seguindo uma lógica em relação ao que foi e ainda não foi dito, de modo que o texto faça sentido ao leitor.

Existe um modelo já consagrado de dissertação que se organiza em três partes: **introdução, desenvolvimento e fechamento (conclusão)**. A essa estrutura, damos o nome de **Estrutura Formal "Clássica" do Texto Dissertativo**.



Dissertação é, pois, a exposição desenvolvida a respeito de um tema. Supõe uma sistematização e ordenação dos dados de que se dispõe sobre o assunto e sua interpretação; pode, ainda, apenas expor um assunto ou desenvolver uma argumentação sobre ele.

Dissertação é em síntese:

- Uma **exposição**, discussão ou interpretação de determinada ideia;
- Um **exame crítico** do assunto sobre o qual se vai escrever, com raciocínio, clareza, coerência e objetividade de exposição.

Para que você compreenda o que é uma redação dissertativa, é necessário distinguir os dois tipos de dissertação usualmente cobrados nos concursos públicos: a **dissertação expositiva** e a **dissertação argumentativa**.

- **Dissertação expositiva**: como o próprio nome já sugere, é um tipo de texto em que se expõem as ideias ou os pontos de vista a respeito de determinado assunto. O objetivo não é fazer o examinador concordar com eles, mas, tão-somente, considerá-los coerentes.

Exemplo de texto expositivo:



O Surgimento do Telefone Celular

A história do celular é recente, mas remonta ao passado e às telas de cinema. A mãe do telefone móvel é a austríaca Hedwig Kiesler (mais conhecida pelo nome artístico Hedy Lamaar), uma atriz de Hollywood que estrelou o clássico “Sansão e Dalila” (1949).

Hedy tinha tudo para virar celebridade, mas pela inteligência. Ela foi casada com um austríaco nazista fabricante de armas. O que sobrou de uma relação desgastante foi o interesse pela tecnologia.

Já nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, ela soube que alguns torpedos teleguiados da Marinha haviam sido interceptados por inimigos. Ela ficou intrigada com isso, e teve a seguinte ideia: um sistema no qual duas pessoas podiam se comunicar mudando o canal, para que a conversa não fosse interrompida. Era a base dos celulares, patenteada em 1940.

Vejam que, nesse tipo de texto (expositivo), não há qualquer julgamento ou manifestação de opiniões, mas tão somente a exposição acerca de determinado assunto por meio de dados históricos.

- **Dissertação argumentativa:** esse é o tipo de dissertação mais comum e conhecido por todos. Nela o intuito é convencer o leitor, persuadi-lo a concordar com a ideia ou com o ponto de vista exposto. Isso se faz por meio de várias formas de argumentação, utilizando-se de dados, estatísticas, provas, opiniões relevantes, etc.

Exemplo de texto argumentativo:

A força da Lei

O Estado Democrático de Direito é um modelo de Estado criado por cidadãos dos tempos modernos. Nesse novo tipo de Estado, pressupõe-se que os poderes políticos sejam exercidos sempre em perfeita harmonia com as regras escritas nas leis e nos princípios do direito.

Contudo, o que temos visto, no Brasil e em outras partes do mundo, é que muitos cidadãos comuns do povo, bem como cidadãos eleitos ou aprovados em concurso público para exercerem os poderes do Estado, só obedecem às leis se elas lhes forem convenientes.

Como solução para essa questão, teremos de saber distinguir perfeitamente o que pertence ao público e o que pertence ao privado, ou seja, o que é do Estado e dos cidadãos; e, principalmente, se há harmonia entre eles, haja vista que a finalidade deve ser sempre a satisfação da coletividade.



Dessarte, se considerarmos uma lei injusta, devemos nos posicionar politicamente contra isso, mediante manifestações pacíficas e públicas, com o intuito de termos nossas pretensões jurídicas reconhecidas para que as legislações se direcionem ao encontro dos anseios da sociedade.

Percebam que aqui a história é diferente. Está claro que o redator apresentou uma proposta de solução para a problemática (falta de obediência às leis) e a forma de nos posicionarmos diante dela (manifestações públicas).

Na introdução, o autor apresenta o tema objeto da dissertação e introduz, de maneira singela, seu ponto de vista.

Já no desenvolvimento, há a exposição dos argumentos, a fim de comprovar a tese introduzida pelo autor no início do texto, fundamentando todo o seu ponto de vista.

Por fim, temos a conclusão, na qual se encerra o tema, trazendo uma síntese dos fatos expostos no decorrer da dissertação.

4 - LINGUAGEM

A **linguagem** significa a capacidade de demonstrar as nossas ideias, sentimentos, pensamentos e opiniões, seja por meio da fala, da escrita ou de outros símbolos. Por tal razão, está diretamente ligada à comunicação. A ciência que estuda linguagem é conhecida como Linguística.

É importante ter em mente que existem diversos tipos de linguagens responsáveis pelo estabelecimento da comunicação: a escrita, os sinais, os sons, os símbolos, os gestos etc. Em sentido amplo, a linguagem pode ser entendida como qualquer sistema de sinais por meios dos quais os indivíduos se comunicam.

A linguagem pode ser **verbal** e **não verbal**. Enquanto a linguagem verbal integra a fala e a escrita, a linguagem não verbal aborda diversos recursos de comunicação da fala e da escrita (imagens, músicas, desenhos, símbolos, etc.). A **linguagem mista** é o uso simultâneo da linguagem verbal e não verbal, encontrada, por exemplo, nas histórias em quadrinhos.

Importante destacar que a linguagem artificial (elaboradas especificamente para determinado fim, como a informática) também é designada por linguagens formais, considerando a utilização de códigos e regras específicas para processamento.



4.1 – LINGUAGEM VERBAL

Na linguagem verbal a comunicação ocorre por meio da utilização de palavras.



As placas demonstram que a linguagem verbal é aquela na qual a mensagem é transmitida por meio de palavras.

4.2 – LINGUAGEM NÃO VERBAL

Na linguagem não verbal, por intermédio de outras formas de comunicação, que não por palavras, Como exemplos, podemos citar: a linguagem de sinais, as placas e os sinais de trânsito, as expressões faciais, a linguagem corporal, etc.



Ao contrário do que observamos na linguagem verbal, as figuras acima fazem uso apenas de imagens para comunicar o que representam.

4.3 – FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Como pudemos ver até agora, a linguagem é a demonstração do pensamento em palavras nas formas verbal e não verbal.

A partir de agora, revisaremos as **seis funções da linguagem** existentes: **função emotiva, função referencial, função conativa, função metalinguística, função poética e função fática**.

Para tanto, é importante compreender que as funções da linguagem são recursos que o emissor possui para transmitir sua mensagem, de acordo com a intenção pretendida. Por conseguinte, é importante conhecer os seguintes elementos de comunicação: emissor, receptor, código, mensagem, contexto e canal.

4.3.1 – FUNÇÃO EMOTIVA

A **função emotiva** é aquela marcada pela subjetividade com o intuito de comover ou emocionar.

O foco da função emotiva está no emissor, ou seja, naquele que envia a mensagem. Nem sempre a mensagem possui fácil compreensão ou entendimento. Na função emotiva, o emissor transmite suas próprias emoções, podendo ser recorrente em cartas pessoais, em poesias confessionais ou canções sentimentais, marcada pela presença da 1ª pessoa.

Exemplos:

Vou lembrar-me de você para sempre!

Não acredito que você possa ter feito isso comigo.

“Senhora, eu vos amo tanto

Que até por vosso marido

Me dá um certo quebranto. ” (Mário Quintana)

4.3.2 – FUNÇÃO REFERENCIAL

A **função referencial**, também conhecida como denotativa ou informativa é aquela que tem como objetivo anunciar, informar, notificar ou indicar.



Na função referencial, o foco está no objeto da mensagem, na objetividade da informação, na objetividade da apresentação dos fatos, sem demonstração da emoção que os causam.

Exemplo:

“Agosto de 2019 já é o mês com maior número de focos de queimadas no estado do Amazonas desde o início dos registros do governo federal, em 1998. Foram 6.145 focos verificados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) no estado até esta terça-feira (27)”.

(Fonte: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/28/amazonas-bate-recorde-historico-de-focos-de-queimadas-em-agosto.ghtml>. Acesso em 31 agosto 2019.)

4.3.3 – FUNÇÃO APELATIVA

A **função apelativa**, também conhecida como conativa, tem como foco o convencimento do leitor, por meio da utilização de ordens ou conselhos, com a intenção de persuadi-lo.

Tal função pode ser encontrada em manuais, livros de autoajuda, textos publicitários, bulas ou manuais. Geralmente ocorre a utilização de verbos no modo imperativo, com verbos e pronomes nas 2ª e 3ª pessoas.

Exemplos:

Ligue nos próximos trinta minutos e obtenha um desconto sensacional!

Dê aos seus filhos os melhores exemplos, pois mais valem que os melhores discursos.

Dilua o conteúdo do envelope em meio copo de água, misture e beba em jejum durante uma semana. Persistindo os sintomas, procure um médico.

4.3.4 – FUNÇÃO METALINGÜÍSTICA

A **função metalingüística** tem como foco o código.

Por meio dessa função, o autor explica a linguagem por meio de idêntica linguagem, ou seja, explana um código utilizando o próprio código.

Tal linguagem está presente em um livro que tenha como tema leitura, uma aula que tenha como tema aulas, uma música que fale sobre música e assim por diante. Nos dicionários e gramáticas, a função metalingüística também pode ser encontrada.



Exemplos:

“Aula 1 – Aspectos positivos sobre a humanização nas aulas”.

“Música Para Ouvir (Arnaldo Antunes)

Música para ouvir no trabalho

Música para jogar baralho

Música para arrastar corrente

Música para subir serpente (...)”

“gra·má·ti·ca

substantivo feminino

- 1. Estudo e tratado dos fatos de uma língua e das leis que a regem.*
- 2. Livro em que se acham expostas as regras da linguagem.*

gramática generativa

[Linguística] Gramática formal capaz de gerar o conjunto infinito das frases de uma língua por meio de um conjunto finito de regras.

gramática gerativa

[Linguística] O mesmo que gramática generativa.

"gramática", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/gram%C3%A1tica> [consultado em 31-08-2019].

4.3.5 – FUNÇÃO POÉTICA

A **função poética** tem como foco a preocupação na forma como a mensagem é transmitida ao leitor. Há sempre uma preocupação com o sentido de cada palavra. Normalmente, é confundida com a função emotiva, principalmente por muitas vezes estarem aliadas no mesmo texto.

A diferença entre elas reside no fato de a função emotiva ter como finalidade emocionar o leitor, enquanto a função poética tem como finalidade a própria mensagem e a forma como é transmitida, além da utilização do sentido figurado.

Ademais, na função poética, a mensagem é elaborada de maneira inovadora, por meio de combinações de som ou ritmo, de jogos de imagem ou de ideias. Desenvolve o sentido conotativo das palavras. Predomina na poesia, mas pode ser encontrada em anúncios publicitários e algumas formas jornalísticas.



Dessa forma, esta função de linguagem prima pelo contexto da mensagem, ao contrário da função emotiva, que tem como foco emocionar, paralelamente preocupando-se com o emissor daquela dada mensagem.

Apesar de ser mais recorrente em textos literários, como em poemas, a função poética também pode ser encontrada na prosa e em anúncios publicitários.

Exemplo:

No trânsito, o sentido é a vida.

4.3.6 – FUNÇÃO FÁTICA

A **função fática** é aquela na qual ocorre o intercâmbio entre emissor e receptor, sendo, portanto, a função de linguagem mais utilizada no cotidiano.

O objetivo é estabelecer um contato por meio de cumprimentos objetivos e rápidos.

Exemplos:

Telefonemas, cumprimentos, saudações.

4.4– FIGURAS DE LINGUAGEM

Nas **figuras de linguagem**, as palavras apresentam sentidos expandidos, diversos, de acordo com o contexto em que são utilizadas.

Nesta aula, revisaremos apenas as figuras de linguagem mais recorrentes em concursos, haja vista a existência de mais de 50 tipos.



As figuras de linguagem também podem aparecer em uma prova com os seguintes termos: linguagem figurativa, simbólica ou conotativa. Não se desespere! Tais termos significam o mesmo que **figuras de linguagem**.

4.4.1 - METÁFORA

Metáfora é uma figura de linguagem na qual o uso de uma palavra ou expressão possui o sentido de outra, sendo possível estabelecer, entre ambas, uma relação de analogia, ou seja, é necessário existir mesmo significado (ou elementos semânticos) entre tais palavras ou expressões.

A metáfora, certamente, é um dos recursos linguísticos mais utilizados no cotidiano, pois, se prestarmos atenção, seria praticamente impraticável falar sem utilizá-la.

A metáfora também é muito usada na veiculação de propagandas e em atividades de marketing, seja nos textos usados para anunciar um produto ou na simbologia utilizada para identificá-los.

Exemplo:

*Aquele professor do Estratégia Concursos é **um doce**.*

Nesse caso, fica claro que não se trata de um discurso literal, com sentido denotativo. Há uma comparação implícita do professor com o doce e essa mudança de significados resulta em uma comunicação de sentido figurado, conotativo. Além disso, são atribuídas ao professor do Estratégia Concursos predicados de um doce: meigo, aprazível, brando, afável, terno, tranquilo, etc.

Na Metáfora, ocorre a comparação entre dois elementos que possuem alguma particularidade em comum. É o uso da palavra fora do seu sentido fundamental, básico. Ocorre uma nova significação por meio de uma comparação entre seres de naturezas diferentes.

Observem estes exemplos:

*O professor do Estratégia Concursos é **um gato**.*

(subentende-se beleza felina)

*Mas isso não interessa, o importante é que ele é **fera** nas aulas. (subentende-se a inteligência)*

*Mesmo após o curso, continuou tirando minhas dúvidas. Muito **massa**!*
(subentende-se algo legal)

*Agí assim, porque aquela aluna é uma **flor**.*

(subentende-se a delicadeza, meiguice)

Seria então a metáfora uma comparação?





Na Metáfora, não existe conectivo para deixar clara a relação de comparação. Por sua vez, na comparação, sempre há um conectivo que indique a existência de uma relação comparativa.

*Eu já não o acho bonito. O professor é **gordo como uma baleia**.*

*Mas isso não interessa, o importante é que ele é **inteligente que nem uma águia** para preparar as aulas.*

*Mesmo após o curso, continuou tirando minhas dúvidas, **igual a um anjo**.*

*Agí assim, porque aquela aluna é uma **meiga tal qual uma flor**.*

4.4.2 - METONÍMIA

Metonímia ocorre quando há troca de uma palavra por outra por existir entre elas uma relação perfeita entre o todo e a parte.

Ganhei esse dinheiro com o suor (esforço) de meu trabalho.

(o efeito pela causa)

A Europa (os europeus) não apoia a imigração dos marroquinos.

(o continente pelo conteúdo)

Não há como expressar a alegria de ver um Monet (um quadro) de perto. (o autor pela obra)

A meninada (as crianças) se diverte no clube.

(o abstrato pelo completo).



4.4.3 - CATACRESE

Catacrese é um tipo de metáfora que se caracteriza pela ausência de um termo apropriado, seja pelo uso no dia a dia, pela ignorância ou por não haver um termo exato em nossa língua que o expresse.

*Usei dois dentes de alho para fazer este molho.
Minha batata da perna está doendo hoje.
Cuidado para não bater o dedinho no pé da cama.
O açúcar grudou no céu da minha boca.*

4.4.4 - PERÍFRASE

Perífrase ocorre quando utilizamos uma quantidade maior de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras. É um jeito mais rebuscado de se falar algo.

Geralmente, é formada por uma expressão que demonstra características ou qualidades referentes a uma só palavra.

*A cidade luz é realmente encantadora. (Paris)
A terra da garoa é famosa por suas pizzarias. (São Paulo)
Tenho medo de fazer um safari e encontrar o rei da floresta. (leão)*



É preciso destacar duas coisas importantes: o interlocutor deve ter conhecimento do significado da expressão utilizada para substituir a palavra. Além disso, há uma diferença entre perífrase e antonomásia: esta é usada para fazer referência a nomes próprios.

4.4.5 - SINESTESIA

Sinestesia é uma figura de linguagem ligada às sensações, ou seja, que ocorre quando há uma combinação de várias impressões sensoriais (gustativas, visuais, auditivas, olfativas e táteis) entre si ou entre tais sensações e sentimentos.

Era possível sentir o cheiro gostoso da liberdade.



(cheiro=olfativo; gostoso= gustativo)

Aquela voz macia só poderia ser a da minha mãe.

(voz= auditivo; macia=tátil)

Deixei-me envolver pelas cores quentes da nova coleção de roupas.

(aqui a sensação de envolvimento se mistura com as impressões sensoriais)

4.5 – FIGURAS DE SINTAXE

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

4.5.1 – HIPÉRBATO

O Hipérbato ocorre quando há inversão da ordem normal dos membros de uma frase.

Esquisito, de longe vi aquele homem caminhando a ermo.

Na ordem normal seria:

Vi aquele homem esquisito caminhando a ermo.



Há, também, a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Na anástrofe, a inversão é mais branda; na sínquise, é tão forte que torna o sentido da frase absolutamente confuso.

4.5.2 – PLEONASMO

O **Pleonasmo** ocorre quando há repetição de significação de palavra ou de termos oracionais. Pode ser tanto uma figura (pleonasmo poético) como um vício de linguagem (pleonasmo vicioso), o qual adiciona uma informação desnecessária ao contexto, seja de maneira intencional ou não.



"É uma dor que dói no peito. Pode rir agora que estou sozinho..."

(Legião Urbana)

"Chovia uma triste chuva de resignação." (Manuel Bandeira)

"Me sorri um sorriso pontual e me beija com a boca de hortelã".

(Chico Buarque)



O **pleonismo vicioso** é aquele que ocorre quando há repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia. Isso porque, nesses casos, não se trata de figura de linguagem, mas de vício de linguagem.



4.5.3 – ANACOLUTO

O **Anacoluto** ocorre quando há ruptura da estrutura lógica da frase, deixando um termo sem função sintática.

Geralmente, esse termo sem função aparece no início da frase, como um tópico, marcando a ruptura brusca de sentido. É mais frequente na linguagem oral que na escrita.

Aquele encontro, tudo não foi mais que um sonho.

Safari africano, hoje faremos um safari na África.

Ele, toda hora que sai, ela vai atrás.

Esse pagode que está tocando, você que não gosta de pagode deveria sair.

4.5.4 – ELIPSE

A **Elipse** é a omissão de um termo ou de uma expressão que não foram utilizados anteriormente.

Porém, esses termos são facilmente identificáveis pelo interlocutor.

Cantaste bem ontem.

*(**Tu** = termo elíptico. **Tu** cantaste bem ontem.)*

Em campo, apenas dois ou três jogadores; no vestiário, um.

*(**Havia** = termo elíptico. No vestiário, **havia** um.)*

Desejo tão rápido se recupere.

*(**Que** = termo elíptico. Desejo **que** tão rápido se recupere.)*

4.5.5 – ZEUGMA

Geralmente, as provas tratam o **zeugma** como elipse, pela similitude entre ambas.

A diferença entre elas é que, enquanto na elipse há omissão de um termo sem referência no texto, no zeugma ocorre a omissão de um termo já apresentado no texto.

Tu cantaste bem ontem; eu, mal.



(Tu **cantaste** bem ontem; eu **cantei** mal.)

Em campo, havia apenas dois ou três jogadores; no vestiário, um.

*(Em campo, havia apenas dois ou três jogadores; no vestiário, **havia** um.)*

4.5.6 – ASSÍNDETO

Assíndeto é a ausência da conjunção coordenativa que une orações coordenadas.

Quero comprar roupas para sair, maquiagem para arrasar.

4.5.7 – POLISSÍNDETO

Ao contrário do assíndeto, no **polissíndeto** ocorre a repetição da partícula coordenativa, que liga termos ou orações coordenadas.

Ele era romântico, e bonito, e inocente, e sincero.

4.5.8 – ANÁFORA

A **Anáfora** ocorre quando há repetição de palavra ou expressão no início de cada frase ou de cada verso.

“É pau, é pedra, é o fim do caminho

É um resto de toco, é um pouco sozinho

É um caco de vidro, é a vida, é o sol

É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol” (Tom Jobim)

“Quando não tinha nada, eu quis / Quando tudo era ausência, esperei / Quando tive frio, tremi / Quando tive coragem, liguei...” (Chico César)



Não confunda anáfora, figura de linguagem, com função anafórica, processo sintático por meio do qual um termo se refere a uma informação já relatada. Tal termo é conhecido como termo ou elemento anafórico e não corresponde a uma figura de linguagem.

4.6 – FIGURAS DE PENSAMENTO

As **Figuras de Pensamento** são recursos estilísticos utilizados para a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição das palavras na frase. Veremos, a seguir, apenas os mais importantes.

4.6.1 – ANTÍTESE

Antítese é o contraste entre duas palavras antônimas, causando uma relação de oposição.

*Há horas em que te odeio; em outras horas te amo.
A dor e a alegria de ser o que é.*

4.6.2 – HIPÉRBOLE

Hipérbole se refere a uma ideia que denota exagero.

*Já mandei você estudar Gramática mais de um milhão de vezes.
Se você não me der bola, eu morro.
Ele veio voando quando o chefe ligou.*

4.6.3 – EUFEMISMO

Eufemismo concerne à amenização de uma ideia negativa.



Finalmente, ele foi morar ao lado do Pai. (faleceu)

4.6.4 – PROSOPOPEIA

Prosopopeia é a imputação de características humanas a seres não humanos.

A bola entrou no gol com vontade.

5 - FONÉTICA

A **fonética** é o estudo da formação, evolução e classificação dos sons efetivos (reais) da fala, considerando suas variedades. A fonética preocupa-se com os sons da fala em sua realização concreta, ou seja, com os fonemas.

A **fonologia**, por sua vez, dedica-se ao estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

5.1 - CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Os **fonemas**, são as menores unidades sonoras da nossa fala e se classificam em: **vogais, semivogais e consoantes**.

5.2 – CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

Quanto ao timbre	Abertas, fechadas e reduzidas
Quanto ao uso das cavidades bucal e nasal	Orais e nasais
Quanto à intensidade	Átonas e Tônicas



5.2.1 – QUANTO AO TIMBRE

Quanto ao timbre, as vogais podem ser **abertas, fechadas ou reduzidas**, dependendo do movimento da língua. No caso das vogais abertas, a língua se abaixa: é, ó. Por sua vez, nas vogais fechadas, a língua “levanta”: ê, ô, i, u.

Exemplos:

a) *Abertas: lá, pé, dó*

b) *Fechadas: lê, avô*

c) *Reduzidas: vela(a), cale (e), cedo(o).*

Nas vogais reduzidas, a vogal se encontra na sílaba átona, razão pela qual possuem pronúncia fraca.

5.5.2 – QUANTO AO USO DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

As **vogais orais** são aquelas formadas pelo ar que vem dos pulmões e sai totalmente pela boca. São elas: a, e, i, o, u.

Exemplos:

foca (o), bala (a), morta (o), cachorro (a)

Nas **vogais nasais**, por seu turno, o ar passa pelo nariz, gerando um som anasalado.

Exemplos:

clã (ã), gente (e, e), campo (a), colchões(o), conde(o), ontem (o, e), unha (a), mamãe (a, a), convite (o).

5.5.3 – QUANTO À INTENSIDADE

A **vogal tônica** é bem pronunciada.

Exemplo: **ma**la - a 1ª vogal é bem pronunciada; a 2ª é fraca, ligeiramente pronunciada, ou seja, enquanto a 1ª é **vogal tônica**, a 2ª é **átona**.



A vogal tônica é pronunciada com mais intensidade que as demais vogais e se encontra na sílaba tônica da palavra.

Exemplos:

a) *Vogais tônicas:*

b) *foca (o), bala (a), morta (o), cobra (o)*

c) *Vogais átonas:*

foca (a), bala (a), morta (a), cobra (a)

5.3.4 – ENCONTROS VOCÁLICOS

Os **encontros vocálicos** são a sucessão de vogais e semivogais em uma palavra – Paraguai, averiguar, coisa, leio, etc. Podem ser classificadas como: **ditongo**, **tritongo** e **hiato**.

5.3.4.1 - DITONGOS

Ditongo é o encontro de uma vogal e uma semivogal ou vice-versa, desde que na mesma sílaba. **Semivogal** é uma vogal com som fraco.

Nos **ditongos crescentes**, a semivogal surge antes da vogal.

Exemplos:

lon-gín-qua (o 'u' é uma semivogal e o 'a' é uma vogal).

gló-ría (o 'i' é uma semivogal e o 'a' é uma vogal).

vá-cuo (o 'u' é uma semivogal e o 'o' é uma vogal).

Nos ditongos decrescentes, a vogal surge em 1º lugar.

Exemplos:

caí-xa (o 'a' é uma vogal e o 'i' é uma semivogal).

coí-sas (o 'o' é uma vogal e o 'i' é uma semivogal).

leí-o (o 'e' é uma vogal e o 'i' é uma semivogal).



caí (o 'a' é uma vogal e o 'i' é uma semivogal).



Jamais confunda fonema (som) com letra. Há uma diversidade de ditongos que, à primeira vista, não são ditongos. Apenas pronunciando a palavra saberemos quando a consoante faz o papel de semivogal, formando, assim, um ditongo.

Exemplos:

dançam (am tem som de “aom”)

escrevem (em tem som de “eím”)

nem (em tem som de “eím”)



A semivogal (ou vogal assilábica) é chamada de SUBJUNTIVA (quando surge depois da vogal) e de PREPOSITIVA (quando surge antes da vogal)

Exemplos:

caí-xa (o 'i' é uma semivogal subjuntiva).

coí-sas (o 'i' é uma semivogal subjuntiva).

leí-o (o 'i' é uma semivogal subjuntiva).

caí (o 'i' é uma semivogal subjuntiva).

lon-gín-qua (o 'u' é uma semivogal prepositiva).

gló-ria (o 'i' é uma semivogal prepositiva).

vá-cuo (o 'u' é uma semivogal prepositiva).



5.3.4.2 - TRITONGOS

Tritongo é a combinação de uma vogal e duas semivogais, desde que na mesma sílaba.

Exemplos:

U-ru-**guai** (uai).

sa-**guão** (uao)

i-**guais** (uai)

5.3.4.2 - HIATO

O **hiato** ocorre quando há o encontro de duas vogais, desde que não pronunciadas na mesma emissão sonora.

Exemplos:

a-or-ta

cons-tí-tu-**i-ção** (observe que aqui há hiato “**u-i**” e ditongo “**ão**”)

ál-**co-ol**

5.4 – CONSOANTES

Consoantes são sons formados na laringe, caracterizados pela maior proximidade das partes móveis da boca. Por não poder formar uma sílaba sozinha, a consoante necessariamente se agrega a uma vogal.

O **encontro consonantal** ocorre quando há uma sequência de duas ou três consoantes em uma palavra.

Exemplos:

Cra-te-ús



fran-cês
díg-no



Quando há duas consoantes na mesma sílaba, ocorre o encontro consonantal PERFEITO. Caso as consoantes surjam em sílabas diferentes, ocorre o encontro consonantal IMPERFEITO.

Exemplos:

Cra-te-ús (encontro consonantal perfeito)
fran-cês (encontro consonantal perfeito)
díg-no (encontro consonantal imperfeito)



O encontro consonantal é sempre tratado como fonema. Por isso uma letra pode apresentar mais de um fonema.

Exemplos:

tá-xi ("x" tem dois fonemas: "cs")
fi-xo ("x" tem dois fonemas: "cs")

5.4.1 - DÍGRAFOS

Os **dígrafos** são formados por agrupamento de consoantes representando um único som. Neste caso, portanto, são duas consoantes que representam um único som.

São dígrafos:



ch, lh, nh	ca-chor-ro, o-lhar, ni-nho
sc, sç, xc	nas-ci-tu-ro, des-ça, ex-ce-ção
rr, ss	car-ro, as-sa-do
gu, qu	gue-par-do, a-qui-si-ção



Importante destacar a existência dos **DÍGRAFOS VOCÁLICOS**, ou seja, aqueles formados por “am, an, em, en, im, in, om, on, um, um.”

Exemplos: tam-bém, men-ti-ra, lím-pi-do, lon-go, bum-ba.

5.4.2 – CONTAGEM DE LETRAS E FONEMAS EM UMA PALAVRA

Por ser um assunto muito abordado em concursos públicos, convém dispensar atenção especial. Já falamos na aula de hoje sobre a importância de não confundirmos letras com fonemas. Para isso, lembre-se de considerar os dígrafos e os encontros consonantais na hora de contar as letras e fonemas de um vocábulo.

Exemplos:

bo-ne-ca (6 letras e 6 fonemas)

cam-pa-i-nha (9 letras e 7 fonemas, pois ‘am’ tem som de ‘ã’ e há o dígrafo ‘nh’)

lé-xi-co (6 letras e 7 fonemas, pois ‘x’ tem som de ‘cs’)

cons-ti-tu-i-ção (12 letras e 11 fonemas, pois há o dígrafo vocálico ‘on’)

cri-an-ça (7 letras e 6 fonemas, pois ‘an’ é dígrafo vocálico)

5.5 - SÍLABAS

Sílabas são os fonemas ou conjunto de fonemas produzidos na mesma emissão de voz de uma palavra.



5.5.1 – QUANTO À SONORIDADE

Quanto à **sonoridade**, podem ser classificadas em:

Sílaba simples	Há apenas uma vogal na palavra.	mal, sol, por
Sílaba composta	Há mais de uma vogal na palavra.	ma <u>u</u> , coi-ce, crei-o
Sílaba complexa	Há mais de uma consoante na palavra.	cri-a-dor, pre-go
Sílaba incompleta	Há apenas uma consoante na palavra.	ti, cá, te
Sílaba aberta	Termina com vogal na palavra.	cas-to, an-do
Sílaba fechada	Termina com consoante na palavra.	pas-tor, na-da-dor

5.5.2 – QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Monossílabos	Vocábulos com única sílaba.	lá, vem, o, sol
Dissílabos	Vocábulos com duas sílabas.	ca-lo, ma-lho, pu-lo
Trissílabos	Vocábulos com três sílabas.	pa-te-ta, bor-ra-cha
Polissílabos	Vocábulos com quatro ou mais sílabas.	nu-me-ra-do, po-lis-sín-de-to

5.6 - DIVISÃO DE SÍLABAS E TRANSLINEAÇÃO



5.6.1 - DIVISÃO SILÁBICA

REGRA GERAL:

Toda sílaba, obrigatoriamente, possui uma vogal.

REGRAS PRÁTICAS:

- 1) Ditongos e tritongos pertencem a uma única sílaba.

Exemplos: *au-tó-dro-mo, ou-vi-ram, ga-lí-nhei-ro, sal-dar, des-mai-a-dô, Pa-ra-guai, etc.*

- 2) Grupos formados por ditongo decrescente + vogal (aia, eia, oia, uia, aie, eie, oie, uie, aio, eio, oio, uio, uiu) são separados.

Exemplos: *vaí-a, al-ca-teí-a, joí-a, es-teí-o, tui-uí-ú, etc.*

Obs.: Não confunda com tritongo: tritongo é o encontro de uma semivogal com uma vogal e outra semivogal (SV+V+SV).

- 3) Os hiatos são separados em duas sílabas.

Exemplos: *hi-a-to, sa-ú-de, dis-tra-í-dô, du-e-to, a-mên-dô-a, etc.*

- 4) Os dígrafos ch, lh, nh, gu e qu pertencem a uma única sílaba.

Exemplos: *cha-veí-ro, chu-va, mo-lho, es-tra-nho, gue-ra, a-que-le, fi-cha, etc.*

- 5) As letras que formam os dígrafos rr, ss, sc, sç, xs, e xc devem ser separadas.

Exemplos: *car-ro, as-sa-dô, des-cí-da, des-ço, ex-su-dar, ex-ce-ção, des-cer, ex-cesso, etc.*

- 6) Os encontros consonantais nas sílabas internas devem ser separados, exceto quando a segunda consoante for “l” ou “r”.

Exemplos: *Ex.: ab-dú-zir, sub-so-lo, ap-tí-dão, díg-ni-da-de, con-víc-to, es-tá-tua, etc.*



Exceção: *ab-rup-to*.

7) Não são separáveis os grupos consonantais que iniciam palavras.

Exemplos: *pneu-má-ti-co, mne-mô-ni-co, gnós-ti-co, etc.*

8) Separam-se as vogais idênticas “aa, ee, ii, oo, uu” e os grupos consonantais “cc, cc”.

Exemplos: *ca-a-tín-ga, re-pre-en-dô, xí-i-ta, vo-o, in-te-lec-ção, etc.*

9) Os prefixos, radicais e sufixos (in, a, des, intra, pré, supra, semi, etc.) não são considerados na divisão silábica. Incorporados à palavra, esses elementos mórficos passam a fazer parte da nova palavra, obedecendo às regras gerais.

Exemplos: *dê-sa-ten-to, pre-pa-ra-dô, tran-sa-tlân-ti-co, su-ben-ten-dí-dô.*

10) Uma sílaba jamais terminará em consoante se a seguinte iniciar por vogal. A consoante sempre se ligará à vogal seguinte.

Exemplos: *su-ben-ten-dí-dô, su-per-mer-ca-dô, sub-lín-gual, su-pe-ra-mi-go.*

6 - APOSTA ESTRATÉGICA

No decorrer desta aula, passamos por diversos assuntos. Em cada um deles cabe um destaque!

Tipologia Textual: a aposta aqui está na diferenciação dos principais tipos textuais. É importante conhecer o principal uso de cada um e ter pelo menos um exemplo de cada.

Funções da linguagem: assunto muito presente no nosso dia a dia, a nossa aposta é em quem está o foco de cada função. Por exemplo: função emotiva – foco no emissor. Função conativa – foco no receptor.

Figuras de linguagem: foco principal na metáfora, metonímia, hipérbole.

Fonética: foco na diferença entre os encontros vocálicos!



7 - QUESTÕES-CHAVE DE REVISÃO

Linguagem

Questão 1

CESGRANRIO - Técnico Científico (BASA)/Medicina do Trabalho/2014

A caçada metódica aos dados do internauta revoluciona a publicidade

Um anúncio de máquina de lavar roupas invadiu todos os sites que você visita desde que fez uma pesquisa para saber o preço dos modelos existentes? Esse é um sinal de que você está sendo rastreado por meio dos famosos cookies, arquivos criados por um site, quando você o visita, com informações sobre sua navegação. Mas, para se adaptar a usuários resistentes que ainda apagam cookies, alguns integrantes do setor já estão no pós-cookies. Eles apostam principalmente na tecnologia de impressão digital, estabelecida com base nos vestígios deixados pelo navegador ou pelo próprio aparelho. É o que preocupa a Criteo, bem-sucedida companhia francesa: ela segmenta os internautas a partir dos cookies, que, com os novos métodos de rastreamento, poderiam ser rejeitados, no futuro, pelo navegador Chrome do Google.

O Google, aliás, tornou-se um especialista de segmentação em função do contexto editorial, por meio do programa AdSense: ele envia anúncios baseando-se na temática da página da web visitada. Ou por meio da comercialização de links patrocinados em resposta a pesquisas no programa de busca, ou ainda em função de palavras encontradas nas contas do Gmail – por exemplo, um anúncio sobre “Férias no Marrocos”, se um e-mail em sua caixa postal menciona esse país.

A essa segmentação contextual e comportamental soma-se uma nova dimensão, fundada na interação social. Ainda menos transparente que o Google sobre o uso de dados pessoais, o Facebook explora informações fornecidas voluntariamente por seus membros aos “amigos”. Faixa etária, cidade, interesses, profissão... A isso se acrescentam os “amigos” geolocalizáveis dos usuários da rede social. “Nossos catálogos de endereços são totalmente varridos pelo Facebook por meio de nosso telefone celular ou e-mail, e uma identificação biométrica padrão permite reconhecer logotipos e fotos de rostos sem que o contribuinte tenha dado permissão explícita”, diz a associação Internet sem Fronteiras (AFP, 18/05/2012).

Em 2007, o Facebook foi obrigado a desculpar-se pelo programa Beacon, que alertava a comunidade de “amigos” sempre que um dos membros fazia uma compra on-line. Hoje, a publicidade dá lugar à recomendação “social”. O internauta que clica em “Curti” e vira fã de uma marca compartilha automaticamente a notícia com toda a sua rede. “A exposição a marca ‘curtida’ por um ou mais amigos quadruplica a intenção de compra dos usuários expostos a esses anúncios”, indica Matthieu de Lesseux, presidente da DDB Paris (Challenges, 05/04/2012). O anúncio aparece no feed de notícias (linha do tempo), entre os elementos publicados pelos “amigos”. O Twitter também insere mensagens patrocinadas nessa área reservada normalmente para as contas selecionadas pelo usuário. Um anúncio qualificado de “nativo”, já que nasce no mesmo fluxo de informações.



A comunidade “amiga” pode saber o que o usuário está ouvindo, por meio do serviço de música on-line Deezer; o que ele lê, graças a parcerias com jornais; e o que deseja comprar. “Pouquíssimos usuários compreendem totalmente – e muito menos controlam – a exploração dos dados utilizados para impulsionar a atividade publicitária do Facebook”, destaca Jeff Chester, diretor do Centro para a Democracia Digital (AFP, 01/02/2012). Basta clicar no botão “Facebook Connect” para que a rede social forneça a terceiros as informações sobre a identidade de um cliente. Os termos de uso da rede, que muda regularmente seus parâmetros de confidencialidade, são geralmente ilegíveis. Seus data centers, aliás, os parques de servidores que armazenam esses dados, também são de propriedade da gigante californiana, escapando a qualquer controle das autoridades estrangeiras.

Poderíamos pensar que os mastodontes da internet que vivem da publicidade não nos custam nada. Isso não é verdade, pois eles nos custam nossos dados, um valor total estimado em 315 bilhões de euros no mundo em 2011, ou seja, 600 euros por indivíduo, de acordo com o Boston Consulting Group. Uma riqueza fornecida pelos próprios internautas, que se tornam “quase funcionários, voluntários, das empresas”, como escrevem Nicolas Colin e Pierre Collin em um relatório sobre a tributação na era digital. Localizados em terras de asilo europeias, subtraídas da economia real por meio de sistemas de evasão em paraísos fiscais, esses gigantes praticamente não pagam impostos sobre as empresas, ou escapam da taxa sobre valor agregado. Para um montante de 2,5 bilhões a 3 bilhões de euros de volume de negócios na França, as empresas Google, Apple, Facebook e Amazon pagam apenas 4 milhões de euros, “quando poderiam pagar 500 milhões de euros, se o sistema tributário lhes fosse plenamente aplicado”, de acordo com um parecer de 14 de fevereiro de 2012 do Conselho Nacional do Digital.

Os grandes atores norte-americanos da internet desestabilizam o mercado publicitário. Enquanto suas receitas explodem, as dos meios de comunicação tradicionais não param de cair. Entre 2007 e 2012, na França, o mercado publicitário passou de 4,8 bilhões para 3,2 bilhões de euros para a imprensa, e de 3,6 bilhões para 3,3 bilhões de euros para a televisão. Mas as mídias tradicionais financiam a criação de obras de ficção, filmes cinematográficos, documentários, entrevistas, reportagens... Do 1,8 bilhão de euros em receitas de publicidade on-line – incluídos os links patrocinados –, só o Google captou cerca de 1,5 bilhão de euros na França.

BÉNILDE, Marie. A caçada metódica aos dados do internauta revoluciona a publicidade. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1555>>. Acesso em: 12 mar. 2014. Adaptado.

A redação oficial deve caracterizar-se, dentre outros elementos, por impessoalidade e formalidade.

Um trecho do texto que poderia constar de um documento oficial por atender às duas características mencionadas é:

- a) “arquivos criados por um *site*, quando você o visita, com informações sobre sua navegação.”
- b) “com os novos métodos de rastreamento, poderiam ser rejeitados, no futuro, pelo navegador Chrome do Google.”
- c) “os parques de servidores que armazenam esses dados, também são de propriedade da gigante californiana”.



- d) "eles nos custam nossos dados, um valor total estimado em 315 bilhões de euros no mundo em 2011."
e) "Enquanto suas receitas explodem, as dos meios de comunicação tradicionais não param de cair."

Linguagem

Questão 2

CESGRANRIO - Auditor Júnior (TRANSPETRO)/2016

Homem no mar

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol(a). O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem(b), como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele. Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda a sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo o seu corpo a transportar na água.

Ele usa os músculos com uma calma energia; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê(c) e o admira porque ele está nadando na praia deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma bela missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes, não sei; duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinquenta metros, e o perderei de vista, pois um telhado o esconderá. Que ele nade bem esses cinquenta ou sessenta metros(d), isto me parece importante, é preciso que conserve a mesma batida de sua braçada, que eu o veja desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a imagem desse homem me faz bem.

É apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estou solitário com ele, e espero que ele esteja comigo.(e) [...]

Agora não sou mais responsável por ele; cumpri o meu dever, e ele cumpriu o seu. Admiro-o. Não consigo saber em que reside, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém, nem construindo algo de útil; mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão.

Janeiro, 1953 BRAGA, Rubem. A cidade e a Roça. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964. p. 11.



No texto, ao descrever o mar, o narrador-personagem o percebe tão vivo, que acaba por atribuir a ele características humanas. A oração que exemplifica essa afirmativa é

- a) "que resplende ao sol."
- b) "que marcham alguns segundos e morrem,"
- c) "que um desconhecido o vê"
- d) "Que ele nade bem esses cinquenta ou sessenta metros,"
- e) "que ele esteja comigo"

Linguagem

Questão 3

CESGRANRIO - Assistente (FINEP)/Apoio Administrativo/2014

NARRAR-SE

Sou fã de psicanálise, de livros de psicanálise, de filmes sobre psicanálise e não pretendo desgrudar o olho da nova série do GNT, Sessão de Terapia, dirigida por Selton Mello. Algum voyeurismo nisso? Total. Quem não gostaria de ter acesso ao raio-x emocional dos outros? Somos todos bem resolvidos na hora de falar sobre nós mesmos num bar, num almoço em família, até escrevendo crônicas. Mas, em colóquio secreto e confidencial com um terapeuta, nossas fraquezas é que protagonizam a conversa.

Por 50 minutos, despejamos nossas dúvidas, traumas, desejos, sem temer passar por egocêntricos. É a hora de abrir-se profundamente para uma pessoa que não está ali para condenar ou absolver, e sim para estimular que você escute atentamente a si mesmo e assim consiga exorcizar seus fantasmas e viver de forma mais desestressada. Alguns pacientes desaparecem do consultório logo após o início das sessões, pois não estão preparados para esse enfrentamento.

Outros levam anos até receber alta. E há os que nem quando recebem vão embora, tal é o prazer de se autoconhecer, um processo que não termina nunca. Desconfio que será o meu caso. Minha psicanalista um dia terá que correr comigo e colocar um rottweiler na recepção para impedir que eu volte. Já estou bolando umas neuroses bem cabeludas para o caso de ela tentar me dispensar.

Analisar-se é aprender a narrar a si mesmo. Parece fácil, mas muitas pessoas não conseguem falar de si, não sabem dizer o que sentem. Para mim não é tão difícil, já que escrever ajuda muito no exercício de expor-se. Quem escreve está sempre se delatando, seja de forma direta ou camuflada. E como temos inquietações parecidas, os leitores se identificam: "Parece que você lê meus pensamentos". Não raro, eles levam textos de seus autores preferidos para as consultas com o analista, a fim de que aqueles escritos ajudem a elaborar sua própria narrativa.

Meus pensamentos também são provocados por diversos outros escritores, e ainda por músicos, jornalistas, cineastas. Esse intercâmbio de palavras e sentimentos ajuda de maneira significativa na nossa própria narração interna. Escutando o outro, lendo o outro, se emocionando com o outro, vamos escrevendo vários



capítulos da nossa própria história e tornando-nos cada vez mais íntimos do personagem principal – você sabe quem. [...]

MEDEIROS, Martha. *Revista O Globo*. Rio de Janeiro, 07 out. 2012. Adaptado.

No texto, o uso da interrogativa em “Quem não gostaria de ter acesso ao raio-x emocional dos outros?” constitui um recurso

- a) literário
- b) introspectivo
- c) retórico
- d) descritivo

Tipologia Textual

Questão 4

CESGRANRIO - Técnico (BR)/Administração e Controle Júnior/2013

Morar só por prazer

O número de residências habitadas por uma única pessoa está aumentando velozmente no Brasil e no mundo. Morar sozinho é um luxo que tem pouco a ver com solidão e segue uma tendência generalizada em países desenvolvidos. Cada vez mais gente batalha para conquistar o seu espaço individual.

Há quem diga que é coisa de eremita ou então puro egoísmo, típico da “era moderna”. Chega-se até a falar na “ruína da família” e no “fim do convívio em comunidade”. Entretanto, o crescimento no número de casas habitadas por uma só pessoa, no Brasil e no mundo, não significa necessariamente isso.

O antropólogo carioca Gilberto Velho, estudioso dos fenômenos urbanos, faz questão de enfatizar que a cultura que desponta não é marcada pelo egoísmo, mas sim pelo individualismo. Embora os dois conceitos muitas vezes se confundam no linguajar informal, e até nos dicionários, para a filosofia, o egoísmo é um julgamento de valor e o individualismo, uma doutrina baseada no indivíduo.

De acordo com a psicanalista Junia de Vilhena, ter uma casa só para si é criar um espaço de individualidade, o que é muito saudável para o crescimento pessoal de cada um, seja homem, seja mulher, jovem ou adulto, solteiro, casado ou viúvo. “Em muitas famílias não há espaço para o indivíduo. O sistema familiar pode abafar e sufocar. Não dá mais para idealizar o conceito de família. Acredito que o aumento dos lares unipessoais nos propõe uma reflexão: que tipo de família queremos construir?”

Junia lembra que nem sempre uma casa com dois ou vários moradores é um espaço de troca. Ser sociável, ou não, depende do jeito de ser das pessoas. Morar sozinho não define isso, embora possa reforçar características dos tímidos. Para os expansivos, ter um ambiente próprio de recolhimento propicia a tranquilidade que lhes permite recarregar as energias para viver o ritmo acelerado das grandes cidades.



MESQUITA, Renata. *Revista Planeta*, ed. 477. São Paulo: Editora Três, junho de 2012. Adaptado.

O texto possui características típicas de uma reportagem porque apresenta

- a) relatos de episódios passados
- b) comparações entre opiniões opostas
- c) termos técnicos de circulação restrita
- d) depoimentos de especialistas no assunto
- e) dados estatísticos de pesquisas realizadas

Tipologia Textual

Questão 5

CESGRANRIO - Técnico Bancário Novo (CEF)/Administrativa/2012

Games: bons para a terceira idade

Jogar games de computador pode fazer bem à saúde dos idosos. Foi o que concluiu uma pesquisa do laboratório Gains Through Gaming (Ganhos através de jogos, numa tradução livre), na Universidade da Carolina do Norte, nos EUA.

Os cientistas do laboratório reuniram um grupo de 39 pessoas entre 60 e 77 anos e testaram funções cognitivas de todos os integrantes, como percepção espacial, memória e capacidade de concentração. Uma parte dos idosos, então, levou para casa o RPG on-line “World of Warcraft”, um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard, e com 10,3 milhões de usuários na internet. Eles jogaram o game por aproximadamente 14 horas ao longo de duas semanas (em média, uma hora por dia). Outros idosos, escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo de controle do estudo, foram para casa, mas não jogaram nenhum videogame.

Na volta, os resultados foram surpreendentes. Os idosos que mergulharam no mundo das criaturas de “Warcraft” voltaram mais bem dispostos e apresentaram nítida melhora nas funções cognitivas, enquanto o grupo de controle não progrediu, apresentando as mesmas condições.

— Escolhemos o “World of Warcraft” porque ele é desafiante em termos cognitivos, apresentando sempre situações novas em ambientes em que é preciso interagir socialmente — disse no site da universidade Anne McLaughlin, professora de psicologia do laboratório e responsável pelo texto final do estudo. — Os resultados que observamos foram melhores nos idosos que haviam apresentado índices baixos nos testes antes do jogo. Depois de praticar o RPG, eles voltaram com melhores índices de concentração e percepção sensorial. No quesito memória, entretanto, o efeito do game foi nulo.

Outro pesquisador que participou da pesquisa, o professor de psicologia Jason Allaire, comentou no site que os idosos que se saíram mal no primeiro teste mostraram os melhores resultados após o jogo.



Os dois estudiosos vêm pesquisando os efeitos dos games na terceira idade desde 2009, quando receberam uma verba de US\$ 1,2 milhão da universidade para investigar o tema. Entretanto, entre os jovens, estudos há anos procuram relacionar o vício em games ao déficit de atenção, embora ainda não haja um diagnóstico formal sobre esse tipo de comportamento.

MACHADO, André. **Games: bons para a terceira idade**. O Globo, 28 fev. 2012. 10 Caderno, Seção Economia, p. 24. Adaptado.

O primeiro parágrafo do texto apresenta características de argumentação porque

- a) focaliza de modo estático um objeto, no caso, um game.
- b) traz personagens que atuam no desenvolvimento da história.
- c) mostra objetos em minúcias e situações atemporalmente.
- d) apresenta uma ideia central, que será evidenciada, e uma conclusão.
- e) desenvolve uma situação no tempo, mostrando seus desdobramentos.

Tipologia Textual

Questão 6

CESGRANRIO - Profissional Júnior (BR)/Administração/2015

Meu ideal seria escrever...

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta, quando lesse minha história no jornal, risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – “Ai, meu Deus, que história mais engraçada!”. E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria – “Mas essa história é mesmo muito engraçada!”.

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que, nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera, a minha história chegasse – e tão fascinantemente de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse – “Por favor, se comportem,



que diabo! Eu não gosto de prender ninguém!”. E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês, em Chicago – mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que, no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: “Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para

ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina”.

E, quando todos me perguntassem – “Mas de onde é que você tirou essa história?” –, eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: “Ontem ouvi um sujeito contar uma história...”.

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

BRAGA, R. *A traição das elegantes*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1967. p. 91.

Definido como uma crônica reflexiva, o texto apresenta diversas sequências tipológicas, dentre elas a descrição e a narração. Apresentam-se como traços linguísticos dessas tipologias, respectivamente:

- a) advérbios de lugar e predicativo do sujeito
- b) adjetivos e verbos de ação
- c) marcadores temporais e adjetivos
- d) verbos no passado e substantivos concretos
- e) conjunções adverbiais e discurso direto

Tipologia Textual

Questão 7

CESGRANRIO - Técnico (FINEP)/Apoio Administrativo/2011

UM NOVO COMEÇO

Em 40 anos de carreira musical, o engenheiro químico (pode?) Ivan Lins produziu maravilhas como Madalena, O Amor É Meu País e Abre Alas. Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente. Em meu caso, foi a música Começar de Novo, que Ivan compôs em parceria com Vitor Martins em 1979.



Foi naquele ano que fiz uma das muitas mudanças em minha vida, indo morar em Florianópolis (SC), para onde eu já viajava semanalmente para dar aulas em um curso pré-vestibular do qual era sócio. Como aquela sede exigia mais atenção, mudei minha residência oficial para a ilha. Lembro-me bem de estar atravessando a ponte Hercílio Luz, que ainda funcionava (foi interditada em 1982), quando do rádio do carro começou a sair a voz rouca da Simone dizendo: "Começar de novo e contar comigo/ Vai valer a pena ter amanhecido/ Ter me rebelado, ter me debatido/ Ter me machucado, ter sobrevivido...".

Foi um momento mágico, pois, apesar de bastante jovem, eu já vinha de uma experiência de vida cheia de mudanças e recomeços. [...]

A permanência é uma das marcas de nosso tempo. Tudo muda rápido, e quem aceita essa realidade e consegue exercitar sua capacidade de adaptação já sai com vantagens. De certa forma, quando acordamos na manhã de cada dia, começamos de novo nossa vida. Às vezes começamos pouca coisa de novo, e damos continuidade ao que já fazíamos, mantendo a rotina e construindo estabilidade. Mas, às vezes, acordamos de manhã e estamos em um novo lugar, ou iniciamos em um novo emprego, ou viramos a cabeça e vemos uma nova pessoa no travesseiro ao lado. Sempre começamos de novo, o que varia é a intensidade.

Naquele ano eu estava começando de novo muita coisa. Tinha me formado em medicina, mas não havia chegado a exercer, pois, na ocasião, eu já era dono de uma escola que crescia. Mas, como começar de novo é comigo mesmo, 15 anos depois resolvi dar-me o direito de experimentar a profissão de médico, e lá fui eu voltar a estudar, aplicando tempo e recursos aos livros de medicina, alguns para recordar, outros para entender a evolução dos anos. Apesar de ser médico, foi mais um começar de novo. [...]

MUSSAK, Eugênio. **Um novo começo**. Vida Simples, São Paulo: Abril, p. 39, maio 2011. Adaptado.

Observe os trechos abaixo.

I – "Foi naquele ano que fiz uma das muitas mudanças em minha vida, indo morar em Florianópolis (SC)"

II – "A permanência é uma das marcas de nosso tempo."

III – "Tudo muda rápido, e quem aceita essa realidade e consegue exercitar sua capacidade de adaptação já sai com vantagens."

Quanto ao tipo de texto, esses trechos são, respectivamente:

- a) argumentação – descrição – argumentação
- b) narração – narração – argumentação
- c) narração – descrição – argumentação
- d) descrição – argumentação – descrição
- e) descrição – descrição – narração

Tipologia textual

Questão 8



CESGRANRIO - Profissional Júnior (BR)/Administração/2010

EM TORNO DO ESPAÇO PÚBLICO NO BRASIL

Estou no aeroporto de Salvador, na velha Bahia. São 8h25m de uma ensolarada manhã de sábado e eu aguardo o avião que vai me levar ao Rio de Janeiro e, de lá, para minha casa em Niterói.

Viajo relativamente leve: uma pasta com um livro e um computador no qual escrevo essas notas, mais um arquivo com o texto da conferência que proferi para um grupo de empresários americanos que excursionam aprendendo – como eles sempre fazem e nós, na nossa solene arrogância, abominamos – sobre o Brasil. Passei rapidamente pela segurança feita de funcionários locais que riam e trocavam piadas entre si e logo cheguei a um amplo saguão com aquelas poltronas de metal que acomodam o cidadão transformado em passageiro.

Busco um lugar, porque o relativamente leve começa a pesar nos meus ombros e logo observo algo notável: todos os assentos estão ocupados por pessoas e por suas malas ou pacotes.

Eu me explico: o sujeito senta num lugar e usa as outras cadeiras para colocar suas malas, pacotes, sacolas e embrulhos. Assim, cada indivíduo ocupa três cadeiras, em vez de uma, simultaneamente. Eu

olho em volta e vejo que não há onde sentar! Meus companheiros de jornada e de saguão simplesmente não me veem e, acomodados como velhos nobres ou bispos baianos da boa era escravocrata, exprimem no rosto uma atitude indiferente bem apropriada com a posse abusiva daquilo que é definido como uma poltrona individual.

Não vejo em ninguém o menor mal-estar ou conflito entre estar só, mas ocupar três lugares, ou perceber que o espaço onde estamos, sendo de todos, teria que ser usado com maior consciência relativamente aos outros como iguais e não como inferiores que ficam sem onde sentar porque “eu cheguei primeiro e tenho o direito a mais cadeiras!”.

Trata-se, penso imediatamente, de uma ocupação “pessoal” e hierárquica do espaço, e não um estilo individual e cidadão de usá-lo. De tal sorte que o saguão desenhado para todos é apropriado por alguns como a sala de visitas de suas próprias casas, tudo acontecendo sem a menor consciência de que numa democracia até o espaço e o tempo devem ser usados democraticamente.

Bem na minha frente, num conjunto de assentos para três pessoas, duas moças dormem serenamente, ocupando o assento central com suas pernas e malas. Ao seu lado e, sem dúvida, imitando-as, uma jovem senhora com ares de dona Carlota Joaquina está sentada na cadeira central e ocupa a cadeira do seu lado direito com uma sacola de grife na qual guarda suas compras. Num outro conjunto de assentos mais distantes, nos outros portões de embarque, observo o mesmo padrão. Ninguém se lembra de ocupar apenas um lugar. Todos estão sentados em dois ou três assentos de uma só vez! Pouco se lixam para uma senhora que chega com um bebê no colo, acompanhada de sua velha mãe.

Digo para mim mesmo: eis um fato do cotidiano brasileiro que pipoca de formas diferentes em vários domínios de nossa vida social. Pois não é assim que entramos nos restaurantes quando estamos em grupo



e logo passamos a ser “donos” de tudo? E não é do mesmo modo que ocupamos praças, praias e passagens? (...)

Temos uma verdadeira alergia à impessoalidade que obriga a enxergar o outro. Pois levar a sério o impessoal significa suspender nossos interesses pessoais, dando atenção aos outros como iguais, como deveria ocorrer neste amplo salão no qual metade dos assentos não está ocupada por pessoas, mas por pertences de passageiros sentados a seu lado.

Finalmente observo que quem não tem onde sentar sente-se constrangido em solicitar a vaga ocupada pela mala ou embrulho de quem chegou primeiro. Trata-se de um modo hierarquizado de construir o espaço público e, pelo visto, não vamos nos livrar dele tão cedo. Afinal, os incomodados que se mudem!

DA MATTA, Roberto. *O Globo*, 24. mar. 2010. (Excerto).

Quanto à estrutura do texto, o autor

- a) inicia com uma narração e a permeia, em proporções quase iguais, com trechos argumentativos.
- b) alterna narração, descrição e dissertação, dando mais ênfase à primeira.
- c) opta pela narração, do início ao fim, terminando por expor seu argumento principal no último parágrafo.
- d) apresenta uma teoria no início e a justifica com argumentos e descrições subjetivas.

Fonética

Questão 9

CESGRANRIO - Auxiliar Legislativo (ALTO)/Manutenção e Conservação/2005

CAMU-CAMU

Arbusto de pequeno porte, podendo atingir até 3 metros de altura, caule com casca lisa. É uma espécie silvestre que ocorre predominantemente ao longo das margens de rios e lagos, com a parte inferior do caule freqüentemente submersa. O camu-camu possui uma concentração de vitamina C em sua polpa, superior à da acerola. Em Roraima onde ela pode ser encontrada em profusão, há até mesmo um bairro da cidade de Boa Vista que tomou emprestado da fruta o nome de caçari pelo qual é mais conhecida na região. Por ser bastante ácida, apesar de doce, é fruta preferida para o preparo de refrescos, sorvetes, picolés, geléias, doces ou licores. A casca deve ser acrescentada juntamente com a polpa da fruta, pois é ela que concentra a maior parte de seus teores nutritivos. O camu-camu é uma espécie tipicamente silvestre, mas com um grande potencial econômico capaz de colocá-lo no mesmo nível de importância de outras frutíferas tradicionais da Região Amazônica, tais como o açaí e o cupuaçu. Mas não é apenas ali que o camu-camu tem futuro: em São Paulo, no Vale do Ribeira, região de mangues e de clima quente e úmido semelhante ao da Amazônia, a planta já começou a ser cultivada com sucesso.

<http://portalamazonia.globo.com/frutas/camucamu.htm>



De acordo com o que leu no texto, responda corretamente à questão.

Há **erro** na separação silábica da palavra:

- a) a – ver – me – lha – do.
- b) pi – co – lé.
- c) Ro – ra – i – ma.
- d) nu – tri – ti – vo.

Fonética

Questão 10

CESGRANRIO - Técnico de Arquivo (BNDES)/2009

A era do tô me achando

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. *Revista vida simples*. out. 2009.

Qual o substantivo em que a vogal tônica **não** é pronunciada, no plural, com o som aberto como no substantivo "corpos"?

- a) Poço.



- b) Bolso.
- c) Socorro.
- d) Imposto.
- e) Esforço.

8 – LISTA DE QUESTÕES COMENTADAS

Linguagem

Questão 1

CESGRANRIO - Técnico Científico (BASA)/Medicina do Trabalho/2014

A caçada metódica aos dados do internauta revoluciona a publicidade

Um anúncio de máquina de lavar roupas invadiu todos os sites que você visita desde que fez uma pesquisa para saber o preço dos modelos existentes? Esse é um sinal de que você está sendo rastreado por meio dos famosos cookies, arquivos criados por um site, quando você o visita, com informações sobre sua navegação. Mas, para se adaptar a usuários resistentes que ainda apagam cookies, alguns integrantes do setor já estão no pós-cookies. Eles apostam principalmente na tecnologia de impressão digital, estabelecida com base nos vestígios deixados pelo navegador ou pelo próprio aparelho. É o que preocupa a Criteo, bem-sucedida companhia francesa: ela segmenta os internautas a partir dos cookies, que, com os novos métodos de rastreamento, poderiam ser rejeitados, no futuro, pelo navegador Chrome do Google.

O Google, aliás, tornou-se um especialista de segmentação em função do contexto editorial, por meio do programa AdSense: ele envia anúncios baseando-se na temática da página da web visitada. Ou por meio da comercialização de links patrocinados em resposta a pesquisas no programa de busca, ou ainda em função de palavras encontradas nas contas do Gmail – por exemplo, um anúncio sobre “Férias no Marrocos”, se um e-mail em sua caixa postal menciona esse país.

A essa segmentação contextual e comportamental soma-se uma nova dimensão, fundada na interação social. Ainda menos transparente que o Google sobre o uso de dados pessoais, o Facebook explora informações fornecidas voluntariamente por seus membros aos “amigos”. Faixa etária, cidade, interesses, profissão... A isso se acrescentam os “amigos” geolocalizáveis dos usuários da rede social. “Nossos catálogos de endereços são totalmente varridos pelo Facebook por meio de nosso telefone celular ou e-mail, e uma identificação biométrica padrão permite reconhecer logotipos e fotos de rostos sem que o contribuinte tenha dado permissão explícita”, diz a associação Internet sem Fronteiras (AFP, 18/05/2012).

Em 2007, o Facebook foi obrigado a desculpar-se pelo programa Beacon, que alertava a comunidade de “amigos” sempre que um dos membros fazia uma compra on-line. Hoje, a publicidade dá lugar à



recomendação "social". O internauta que clica em "Curti" e vira fã de uma marca compartilha automaticamente a notícia com toda a sua rede. "A exposição a marca 'curtida' por um ou mais amigos quadruplica a intenção de compra dos usuários expostos a esses anúncios", indica Matthieu de Lesseux, presidente da DDB Paris (Challenges, 05/04/2012). O anúncio aparece no feed de notícias (linha do tempo), entre os elementos publicados pelos "amigos". O Twitter também insere mensagens patrocinadas nessa área reservada normalmente para as contas selecionadas pelo usuário. Um anúncio qualificado de "nativo", já que nasce no mesmo fluxo de informações.

A comunidade "amiga" pode saber o que o usuário está ouvindo, por meio do serviço de música on-line Deezer; o que ele lê, graças a parcerias com jornais; e o que deseja comprar. "Pouquíssimos usuários compreendem totalmente – e muito menos controlam – a exploração dos dados utilizados para impulsionar a atividade publicitária do Facebook", destaca Jeff Chester, diretor do Centro para a Democracia Digital (AFP, 01/02/2012). Basta clicar no botão "Facebook Connect" para que a rede social forneça a terceiros as informações sobre a identidade de um cliente. Os termos de uso da rede, que muda regularmente seus parâmetros de confidencialidade, são geralmente ilegíveis. Seus data centers, aliás, os parques de servidores que armazenam esses dados, também são de propriedade da gigante californiana, escapando a qualquer controle das autoridades estrangeiras.

Poderíamos pensar que os mastodontes da internet que vivem da publicidade não nos custam nada. Isso não é verdade, pois eles nos custam nossos dados, um valor total estimado em 315 bilhões de euros no mundo em 2011, ou seja, 600 euros por indivíduo, de acordo com o Boston Consulting Group. Uma riqueza fornecida pelos próprios internautas, que se tornam "quase funcionários, voluntários, das empresas", como escrevem Nicolas Colin e Pierre Collin em um relatório sobre a tributação na era digital. Localizados em terras de asilo europeias, subtraídas da economia real por meio de sistemas de evasão em paraísos fiscais, esses gigantes praticamente não pagam impostos sobre as empresas, ou escapam da taxa sobre valor agregado. Para um montante de 2,5 bilhões a 3 bilhões de euros de volume de negócios na França, as empresas Google, Apple, Facebook e Amazon pagam apenas 4 milhões de euros, "quando poderiam pagar 500 milhões de euros, se o sistema tributário lhes fosse plenamente aplicado", de acordo com um parecer de 14 de fevereiro de 2012 do Conselho Nacional do Digital.

Os grandes atores norte-americanos da internet desestabilizam o mercado publicitário. Enquanto suas receitas explodem, as dos meios de comunicação tradicionais não param de cair. Entre 2007 e 2012, na França, o mercado publicitário passou de 4,8 bilhões para 3,2 bilhões de euros para a imprensa, e de 3,6 bilhões para 3,3 bilhões de euros para a televisão. Mas as mídias tradicionais financiam a criação de obras de ficção, filmes cinematográficos, documentários, entrevistas, reportagens... Do 1,8 bilhão de euros em receitas de publicidade on-line – incluídos os links patrocinados –, só o Google captou cerca de 1,5 bilhão de euros na França.

BÉNILDE, Marie. A caçada metódica aos dados do internauta revoluciona a publicidade. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1555>>. Acesso em: 12 mar. 2014. Adaptado.

A redação oficial deve caracterizar-se, dentre outros elementos, por impessoalidade e formalidade.



Um trecho do texto que poderia constar de um documento oficial por atender às duas características mencionadas é:

- a) "arquivos criados por um *site*, quando você o visita, com informações sobre sua navegação."
- b) "com os novos métodos de rastreamento, poderiam ser rejeitados, no futuro, pelo navegador Chrome do Google."
- c) "os parques de servidores que armazenam esses dados, também são de propriedade da gigante californiana".
- d) "eles nos custam nossos dados, um valor total estimado em 315 bilhões de euros no mundo em 2011."
- e) "Enquanto suas receitas explodem, as dos meios de comunicação tradicionais não param de cair."

Comentário:

- a) No fragmento "arquivos criados por um *site*, quando você o visita, com informações sobre sua navegação.", foi empregada a palavra "site" que não pertence ao vocabulário oficial da língua portuguesa, sendo considerada um estrangeirismo. Dessa maneira, para respeitar o princípio da formalidade, deve-se utilizar a palavra em sua forma aportuguesada: "sítio". Logo, a alternativa está incorreta.
- b) Tendo em vista o excerto "com os novos métodos de rastreamento, poderiam ser rejeitados, no futuro, pelo navegador Chrome do Google.", pode-se dizer que não há emprego de termos que denotem impressões individuais, havendo, assim, presença de impessoalidade. Ademais, o trecho não apresenta desvios gramaticais, estando em conformidade com as regras da língua padrão, apresentando, portanto, formalidade. Destaca-se que o sintagma "com os novos métodos de rastreamento" está entre vírgulas por ter sido deslocado para o início da oração. Já a expressão "no futuro" é um adjunto adverbial, que foi empregado entre vírgulas que são facultativas nesse caso, e podem ter sido usadas na intenção de enfatizar o termo ao isolá-lo. Logo, a alternativa está correta.
- c) No trecho "os parques de servidores que armazenam esses dados, também são de propriedade da gigante californiana", a expressão "gigante californiana" apresenta tom informal, porquanto, com o uso da palavra "gigante", o autor emprega tom conotativo, desejando dizer que se trata de uma empresa de muita expressão e/ou de grande influência, e não que ela tenha uma estatura acima dos padrões considerados normais, sentido original da palavra "gigante". Como foi usada uma linguagem informal, não foi respeitado o padrão de formalidade, e a alternativa fica incorreta.
- d) No fragmento "eles nos custam nossos dados, um valor total estimado em 315 bilhões de euros no mundo em 2011.", o autor utiliza a primeira pessoa do plural – "eles **nos** custam **nossos** dados" –, incluindo-se no discurso, o que confere caráter pessoal ao texto, não havendo o princípio da impessoalidade. Por isso, a alternativa está incorreta.
- e) Na frase "Enquanto suas receitas explodem, as dos meios de comunicação tradicionais não param de cair.", o verbo "explodem" foi empregado no sentido figurado, isto é, conotativo, o qual difere da semântica atribuída originalmente à palavra, pois as receitas não "explodem" de fato. No contexto, "explodem", em sentido conotativo, quer dizer "aumentam significativamente", e sabe-se que a linguagem conotativa não



é adequada em documentos oficiais, pois pode conferir um tom pessoal, gerando, inclusive, interpretações equivocadas. Portanto, a alternativa está incorreta..

Gabarito: B

Linguagem

Questão 2

CESGRANRIO - Auditor Júnior (TRANSPETRO)/2016

Homem no mar

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol(a). O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem(b), como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele. Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda a sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo o seu corpo a transportar na água.

Ele usa os músculos com uma calma energia; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê(c) e o admira porque ele está nadando na praia deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma bela missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes, não sei; duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinquenta metros, e o perderei de vista, pois um telhado o esconderá. Que ele nade bem esses cinquenta ou sessenta metros(d), isto me parece importante, é preciso que conserve a mesma batida de sua braçada, que eu o veja desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a imagem desse homem me faz bem.

É apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estou solitário com ele, e espero que ele esteja comigo.(e) [...]

Agora não sou mais responsável por ele; cumpri o meu dever, e ele cumpriu o seu. Admiro-o. Não consigo saber em que reside, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém, nem construindo algo de útil; mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão.

Janeiro, 1953 BRAGA, Rubem. A cidade e a Roça. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964. p. 11.



No texto, ao descrever o mar, o narrador-personagem o percebe tão vivo, que acaba por atribuir a ele características humanas. A oração que exemplifica essa afirmativa é

- a) "que resplende ao sol."
- b) "que marcham alguns segundos e morrem,"
- c) "que um desconhecido o vê"
- d) "Que ele nade bem esses cinquenta ou sessenta metros,"
- e) "que ele esteja comigo"

Comentário:

a) Na frase "Não há ninguém na praia, que resplende ao sol.", o trecho "que resplende ao sol" refere-se ao brilho intenso do sol na praia, e não no mar. Portanto, a alternativa está incorreta.

b) No fragmento "pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem.", diz-se que as pequenas espumas praticam a ação de marchar, todavia "marchar" é uma ação realizada, efetivamente, por pessoas, e não por espumas. Dessa maneira, identifica-se o emprego da personificação (ou prosopopeia) no texto, quando são atribuídas características humanas ao movimento das espumas do mar. Logo, esta alternativa está correta.

c) O excerto "que um desconhecido o vê", pertencente à frase "Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê...", não referência ao mar. Logo, a alternativa está errada.

d) Em "Que ele nade bem esses cinquenta ou sessenta metros", não há descrição do mar. Assim, a alternativa está errada.

e) Em "Estou solitário com ele, e espero que ele esteja comigo", não se descreve o mar. Assim, a alternativa está incorreta

Gabarito: B

Linguagem

Questão 3

CESGRANRIO - Assistente (FINEP)/Apoio Administrativo/2014

NARRAR-SE

Sou fã de psicanálise, de livros de psicanálise, de filmes sobre psicanálise e não pretendo desgrudar o olho da nova série do GNT, Sessão de Terapia, dirigida por Selton Mello. Algum voyeurismo nisso? Total. Quem não gostaria de ter acesso ao raio-x emocional dos outros? Somos todos bem resolvidos na hora de falar sobre nós mesmos num bar, num almoço em família, até escrevendo crônicas. Mas, em colóquio secreto e confidencial com um terapeuta, nossas fraquezas é que protagonizam a conversa.

Por 50 minutos, despejamos nossas dúvidas, traumas, desejos, sem temer passar por egocêntricos. É a hora de abrir-se profundamente para uma pessoa que não está ali para condenar ou absolver, e sim para



estimular que você escute atentamente a si mesmo e assim consiga exorcizar seus fantasmas e viver de forma mais desestressada. Alguns pacientes desaparecem do consultório logo após o início das sessões, pois não estão preparados para esse enfrentamento.

Outros levam anos até receber alta. E há os que nem quando recebem vão embora, tal é o prazer de se autoconhecer, um processo que não termina nunca. Desconfio que será o meu caso. Minha psicanalista um dia terá que correr comigo e colocar um rottweiler na recepção para impedir que eu volte. Já estou bolando umas neuroses bem cabeludas para o caso de ela tentar me dispensar.

Analisar-se é aprender a narrar a si mesmo. Parece fácil, mas muitas pessoas não conseguem falar de si, não sabem dizer o que sentem. Para mim não é tão difícil, já que escrever ajuda muito no exercício de expor-se. Quem escreve está sempre se delatando, seja de forma direta ou camuflada. E como temos inquietações parecidas, os leitores se identificam: "Parece que você lê meus pensamentos". Não raro, eles levam textos de seus autores preferidos para as consultas com o analista, a fim de que aqueles escritos ajudem a elaborar sua própria narrativa.

Meus pensamentos também são provocados por diversos outros escritores, e ainda por músicos, jornalistas, cineastas. Esse intercâmbio de palavras e sentimentos ajuda de maneira significativa na nossa própria narração interna. Escutando o outro, lendo o outro, se emocionando com o outro, vamos escrevendo vários capítulos da nossa própria história e tornando-nos cada vez mais íntimos do personagem principal – você sabe quem. [...]

MEDEIROS, Martha. *Revista O Globo*. Rio de Janeiro, 07 out. 2012. Adaptado.

No texto, o uso da interrogativa em "Quem não gostaria de ter acesso ao raio-x emocional dos outros?" constitui um recurso

- a) literário
- b) introspectivo
- c) retórico
- d) descritivo

Comentário:

- a) O uso da frase interrogativa em questão não confere carácter literário ao texto expositivo, em que a autora discorre sobre a ação de "narra-se". Assim, a alternativa está errada.
- b) O termo "introspectivo" diz respeito ao que é íntimo, voltado para si. Embora a frase se refira a "raio-x", que é algo relativo ao interior, não há um recurso introspectivo no uso da interrogativa. Logo, a alternativa está errada.
- c) A frase interrogativa "Quem não gostaria de ter acesso ao raio-x emocional dos outros?" é feita de sem que o enunciador espere uma resposta do interlocutor, pois ela já está de alguma forma implícita na pergunta, já que subentende-se que todos iriam desejar ter acesso ao raio-x emocional dos outros se pudessem. Essas perguntas feitas sem a intenção de obter resposta, muitas vezes, com o intuito de



estimular o leitor a refletir sobre o que é dito, são denominadas retóricas. Logo, pode-se dizer que a alternativa está correta.

d) A frase interrogativa em análise não é um recurso descritivo, isto é, que faça descrição. Logo, a alternativa está errada.

Gabarito: C

Tipologia Textual

Questão 4

CESGRANRIO - Técnico (BR)/Administração e Controle Júnior/2013

Morar só por prazer

O número de residências habitadas por uma única pessoa está aumentando velozmente no Brasil e no mundo. Morar sozinho é um luxo que tem pouco a ver com solidão e segue uma tendência generalizada em países desenvolvidos. Cada vez mais gente batalha para conquistar o seu espaço individual.

Há quem diga que é coisa de eremita ou então puro egoísmo, típico da "era moderna". Chega-se até a falar na "ruína da família" e no "fim do convívio em comunidade". Entretanto, o crescimento no número de casas habitadas por uma só pessoa, no Brasil e no mundo, não significa necessariamente isso.

O antropólogo carioca Gilberto Velho, estudioso dos fenômenos urbanos, faz questão de enfatizar que a cultura que desponta não é marcada pelo egoísmo, mas sim pelo individualismo. Embora os dois conceitos muitas vezes se confundam no linguajar informal, e até nos dicionários, para a filosofia, o egoísmo é um julgamento de valor e o individualismo, uma doutrina baseada no indivíduo.

De acordo com a psicanalista Junia de Vilhena, ter uma casa só para si é criar um espaço de individualidade, o que é muito saudável para o crescimento pessoal de cada um, seja homem, seja mulher, jovem ou adulto, solteiro, casado ou viúvo. "Em muitas famílias não há espaço para o indivíduo. O sistema familiar pode abafar e sufocar. Não dá mais para idealizar o conceito de família. Acredito que o aumento dos lares unipessoais nos propõe uma reflexão: que tipo de família queremos construir?"

Junia lembra que nem sempre uma casa com dois ou vários moradores é um espaço de troca. Ser sociável, ou não, depende do jeito de ser das pessoas. Morar sozinho não define isso, embora possa reforçar características dos tímidos. Para os expansivos, ter um ambiente próprio de recolhimento propicia a tranquilidade que lhes permite recarregar as energias para viver o ritmo acelerado das grandes cidades.

MESQUITA, Renata. **Revista Planeta**, ed. 477. São Paulo: Editora Três, junho de 2012. Adaptado.

O texto possui características típicas de uma reportagem porque apresenta

- a) relatos de episódios passados
- b) comparações entre opiniões opostas



- c) termos técnicos de circulação restrita
- d) depoimentos de especialistas no assunto
- e) dados estatísticos de pesquisas realizadas

Comentário:

- a) Relatar episódios passados seria contar fatos passados, o que não acontece no decorrer do texto da questão. Portanto, a alternativa está incorreta.
- b) No texto há a colocação das teorias de especialistas no comportamento humano relativo ao tema "morar sozinho". Todavia, ele não faz comparação entre essas opiniões elas nem não podem ser consideradas opostas, já que ambos julgam o fenômeno como um comportamento simplesmente individualista, e não egoísta. Assim, a alternativa está incorreta.
- c) Não há, no decorrer do texto, o emprego de termos técnicos de circulação restrita. Logo a alternativa está incorreta.
- d) Uma reportagem costuma apresentar depoimentos de especialistas no assunto que é tema do texto. Isso é exatamente o que ocorre no texto da questão, porquanto o autor lança mão de depoimentos de alguns especialistas capazes de discorrer sobre o tema "morar sozinho" – um antropólogo e uma psicanalista. Assim, a alternativa em questão está correta.
- e) Dados estatísticos podem ser apresentados em reportagens, contudo, no texto da questão, não há a apresentação de nenhum dado estatístico. Logo, a alternativa está incorreta.

Gabarito: D

Tipologia Textual

Questão 5

CESGRANRIO - Técnico Bancário Novo (CEF)/Administrativa/2012

Games: bons para a terceira idade

Jogar games de computador pode fazer bem à saúde dos idosos. Foi o que concluiu uma pesquisa do laboratório Gains Through Gaming (Ganhos através de jogos, numa tradução livre), na Universidade da Carolina do Norte, nos EUA.

Os cientistas do laboratório reuniram um grupo de 39 pessoas entre 60 e 77 anos e testaram funções cognitivas de todos os integrantes, como percepção espacial, memória e capacidade de concentração. Uma parte dos idosos, então, levou para casa o RPG on-line "World of Warcraft", um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard, e com 10,3 milhões de usuários na internet. Eles jogaram o game por aproximadamente 14 horas ao longo de duas semanas (em média, uma hora por dia). Outros idosos, escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo de controle do estudo, foram para casa, mas não jogaram nenhum videogame.



Na volta, os resultados foram surpreendentes. Os idosos que mergulharam no mundo das criaturas de “Warcraft” voltaram mais bem dispostos e apresentaram nítida melhora nas funções cognitivas, enquanto o grupo de controle não progrediu, apresentando as mesmas condições.

— Escolhemos o “World of Warcraft” porque ele é desafiante em termos cognitivos, apresentando sempre situações novas em ambientes em que é preciso interagir socialmente — disse no site da universidade Anne McLaughlin, professora de psicologia do laboratório e responsável pelo texto final do estudo. — Os resultados que observamos foram melhores nos idosos que haviam apresentado índices baixos nos testes antes do jogo. Depois de praticar o RPG, eles voltaram com melhores índices de concentração e percepção sensorial. No quesito memória, entretanto, o efeito do game foi nulo.

Outro pesquisador que participou da pesquisa, o professor de psicologia Jason Allaire, comentou no site que os idosos que se saíram mal no primeiro teste mostraram os melhores resultados após o jogo.

Os dois estudiosos vêm pesquisando os efeitos dos games na terceira idade desde 2009, quando receberam uma verba de US\$ 1,2 milhão da universidade para investigar o tema. Entretanto, entre os jovens, estudos há anos procuram relacionar o vício em games ao déficit de atenção, embora ainda não haja um diagnóstico formal sobre esse tipo de comportamento.

MACHADO, André. **Games: bons para a terceira idade.** O Globo, 28 fev. 2012. 10 Caderno, Seção Economia, p. 24. Adaptado.

O primeiro parágrafo do texto apresenta características de argumentação porque

- a) focaliza de modo estático um objeto, no caso, um game.
- b) traz personagens que atuam no desenvolvimento da história.
- c) mostra objetos em minúcias e situações atemporalmente.
- d) apresenta uma ideia central, que será evidenciada, e uma conclusão.
- e) desenvolve uma situação no tempo, mostrando seus desdobramentos.

Comentário:

- a) Normalmente, o tipo textual que toma como foco um objeto é o tipo descritivo, e não o argumentativo. Logo, a alternativa está errada.
- b) Não há a apresentação de nenhum personagem no primeiro parágrafo do texto. Ademais, a presença de personagem não é característica de uma argumentação. Logo, a alternativa está errada.
- c) O primeiro parágrafo não apresenta objetos em minúcias nem situações atemporais, fatores esses que, inclusive, também não caracterizam uma argumentação. Assim, a alternativa está errada.
- d) O primeiro parágrafo apresenta características de argumentação, porque o texto apresenta um assunto, uma ideia central – o efeito dos “games” na terceira idade –, que é desenvolvida ao longo do texto, havendo uma conclusão – os “games” são bons para a terceira idade. Logo, a alternativa está correta.
- e) O primeiro parágrafo do texto não mostra uma situação no tempo, mas sim mostra argumentos sobre a ideia de que os games são bons para idosos. Assim, a alternativa está incorreta.



Gabarito: D

Tipologia Textual

Questão 6

CESGRANRIO - Profissional Júnior (BR)/Administração/2015

Meu ideal seria escrever...

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta, quando lesse minha história no jornal, risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – “Ai, meu Deus, que história mais engraçada!”. E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria – “Mas essa história é mesmo muito engraçada!”.

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que, nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera, a minha história chegasse – e tão fascinadamente de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse – “Por favor, se comportem, que diabo! Eu não gosto de prender ninguém!”. E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês, em Chicago – mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que, no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: “Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para

ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina”.

E, quando todos me perguntassem – “Mas de onde é que você tirou essa história?” –, eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: “Ontem ouvi um sujeito contar uma história...”.



E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

BRAGA, R. *A traição das elegantes*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1967. p. 91.

Definido como uma crônica reflexiva, o texto apresenta diversas sequências tipológicas, dentre elas a descrição e a narração. Apresentam-se como traços linguísticos dessas tipologias, respectivamente:

- a) advérbios de lugar e predicativo do sujeito
- b) adjetivos e verbos de ação
- c) marcadores temporais e adjetivos
- d) verbos no passado e substantivos concretos
- e) conjunções adverbiais e discurso direto

Comentário:

- a) Os advérbios de lugar são empregados para fazer caracterizações tanto no texto descritivo, quanto no narrativo. Já o emprego do predicativo do sujeito é característico do texto descritivo, quando se faz caracterizações de pessoas, lugares, coisas etc., mas não o é do narrativo, o qual apresenta sequência de ações. Como os traços linguísticos apresentados não respeitam a ordem “descrição-narração”, a alternativa está incorreta.
- b) O texto que tem como tipologia a descrição apresenta caracterizações, as quais podem ser feitas através do emprego de adjetivos. Por sua vez, a tipologia narrativa tem com característica a utilização de verbos relativos às ações realizadas. Como os traços linguísticos apresentados respeitam a sequência “descrição-narração”, a alternativa em questão está correta.
- c) Os marcadores temporais são característicos do texto narrativo, enquanto os adjetivos caracterizam os textos descritivos. Como a ordem está inversa à apresentada no enunciado, a alternativa está errada.
- d) Os verbos no passado, excluindo os de ligação, são utilizados no texto do tipo narrativo. Já os substantivos concretos podem ser usados na caracterização do texto descritivo. Todavia, como a ordem não está de acordo com a demandada no enunciado – “descrição-narração” –, a alternativa está errada.
- e) As conjunções adverbiais, tais como “uma vez que”, “a fim de que”, caracterizam o texto dissertativo, e não o texto descritivo. Por sua vez, o discurso direto, caracterizado pela fala literal do personagem, é próprio do texto narrativo, e não do descritivo. Logo, a alternativa está incorreta.

Gabarito: B

Tipologia Textual

Questão 7

CESGRANRIO - Técnico (FINEP)/Apoio Administrativo/2011



UM NOVO COMEÇO

Em 40 anos de carreira musical, o engenheiro químico (pode?) Ivan Lins produziu maravilhas como Madalena, O Amor É Meu País e Abre Alas. Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente. Em meu caso, foi a música Começar de Novo, que Ivan compôs em parceria com Vitor Martins em 1979.

Foi naquele ano que fiz uma das muitas mudanças em minha vida, indo morar em Florianópolis (SC), para onde eu já viajava semanalmente para dar aulas em um curso pré-vestibular do qual era sócio. Como aquela sede exigia mais atenção, mudei minha residência oficial para a ilha. Lembro-me bem de estar atravessando a ponte Hercílio Luz, que ainda funcionava (foi interditada em 1982), quando do rádio do carro começou a sair a voz rouca da Simone dizendo: "Começar de novo e contar comigo/ Vai valer a pena ter amanhecido/ Ter me rebelado, ter me debatido/ Ter me machucado, ter sobrevivido...".

Foi um momento mágico, pois, apesar de bastante jovem, eu já vinha de uma experiência de vida cheia de mudanças e recomeços. [...]

A impermanência é uma das marcas de nosso tempo. Tudo muda rápido, e quem aceita essa realidade e consegue exercitar sua capacidade de adaptação já sai com vantagens. De certa forma, quando acordamos na manhã de cada dia, começamos de novo nossa vida. Às vezes começamos pouca coisa de novo, e damos continuidade ao que já fazíamos, mantendo a rotina e construindo estabilidade. Mas, às vezes, acordamos de manhã e estamos em um novo lugar, ou iniciamos em um novo emprego, ou viramos a cabeça e vemos uma nova pessoa no travesseiro ao lado. Sempre começamos de novo, o que varia é a intensidade.

Naquele ano eu estava começando de novo muita coisa. Tinha me formado em medicina, mas não havia chegado a exercer, pois, na ocasião, eu já era dono de uma escola que crescia. Mas, como começar de novo é comigo mesmo, 15 anos depois resolvi dar-me o direito de experimentar a profissão de médico, e lá fui eu voltar a estudar, aplicando tempo e recursos aos livros de medicina, alguns para recordar, outros para entender a evolução dos anos. Apesar de ser médico, foi mais um começar de novo. [...]

MUSSAK, Eugênio. *Um novo começo*. Vida Simples, São Paulo: Abril, p. 39, maio 2011. Adaptado.

Observe os trechos abaixo.

I – "Foi naquele ano que fiz uma das muitas mudanças em minha vida, indo morar em Florianópolis (SC)"

II – "A impermanência é uma das marcas de nosso tempo."

III – "Tudo muda rápido, e quem aceita essa realidade e consegue exercitar sua capacidade de adaptação já sai com vantagens."

Quanto ao tipo de texto, esses trechos são, respectivamente:

- a) argumentação – descrição – argumentação
- b) narração – narração – argumentação



- c) narração – descrição – argumentação
- d) descrição – argumentação – descrição
- e) descrição – descrição – narração

Comentário: para responder à questão, vamos analisar primeiramente cada trecho apresentado.

A frase do trecho I é “Foi naquele ano que fiz uma das muitas mudanças em minha vida, indo morar em Florianópolis (SC)”. Nessa frase, o texto apresenta o enredo – a história da vida do autor –, o personagem – ele mesmo –, o tempo – naquele ano: 1979, mencionado anteriormente – e narrador – o através do emprego do verbo na primeira pessoa –, que é o próprio autor. Tais elementos são característicos de textos narrativos, o que nos permite afirmar que se trata de um trecho narrativo.

Passemos para a frase II: “A impermanência é uma das marcas de nosso tempo.”. Nela, podemos perceber um carácter descritivo, uma vez que se define o que é impermanência, apontando também uma característica do nosso tempo. Portanto, verifica-se na frase a presença de um discurso do tipo descritivo.

Por fim, na frase III, temos “Tudo muda rápido, e quem aceita essa realidade e consegue exercitar sua capacidade de adaptação já sai com vantagens.”. No período, o autor apresenta o seu próprio ponto de vista através de suas afirmações, tentando convencer o leitor de que ele terá vantagens ao aceitar a rapidez das mudanças e ao exercitar a capacidade de adaptação. Por objetivar convencer o leitor a respeito de um ponto de vista, pode-se concluir que se trata de uma frase com características do tipo argumentativo.

Após as explanações anteriores, vejamos as opções de resposta.

- a) A sequência tipológica “argumentação – descrição – argumentação” não está de acordo com o que foi explanado no comentário, logo a alternativa está incorreta.
- b) Segundo verificamos com as explicações do comentário da questão, a sequência tipológica “narração – narração – argumentação” não está correta, logo a alternativa está incorreta.
- c) Através das explanações feitas no comentário, podemos dizer que a sequência tipológica “narração – descrição – argumentação” está correta. Sendo assim, a alternativa está correta.
- d) A sequência tipológica “descrição – argumentação – descrição” não está de acordo com a sequência verificada nas frases e já comentada na questão. Assim, a alternativa está incorreta.
- e) Conforme vimos, a sequência “descrição – descrição – narração” não corresponde à sequência verificada nas frases da questão. Logo, a alternativa está incorreta.

Gabarito: C

Tipologia textual

Questão 8

CESGRANRIO - Profissional Júnior (BR)/Administração/2010

EM TORNO DO ESPAÇO PÚBLICO NO BRASIL



Estou no aeroporto de Salvador, na velha Bahia. São 8h25m de uma ensolarada manhã de sábado e eu aguardo o avião que vai me levar ao Rio de Janeiro e, de lá, para minha casa em Niterói.

Viajo relativamente leve: uma pasta com um livro e um computador no qual escrevo essas notas, mais um arquivo com o texto da conferência que proferi para um grupo de empresários americanos que excursionam aprendendo – como eles sempre fazem e nós, na nossa solene arrogância, abominamos – sobre o Brasil. Passei rapidamente pela segurança feita de funcionários locais que riam e trocavam piadas entre si e logo cheguei a um amplo saguão com aquelas poltronas de metal que acomodam o cidadão transformado em passageiro.

Busco um lugar, porque o relativamente leve começa a pesar nos meus ombros e logo observo algo notável: todos os assentos estão ocupados por pessoas e por suas malas ou pacotes.

Eu me explico: o sujeito senta num lugar e usa as outras cadeiras para colocar suas malas, pacotes, sacolas e embrulhos. Assim, cada indivíduo ocupa três cadeiras, em vez de uma, simultaneamente. Eu

olho em volta e vejo que não há onde sentar! Meus companheiros de jornada e de saguão simplesmente não me veem e, acomodados como velhos nobres ou bispos baianos da boa era escravocrata, exprimem no rosto uma atitude indiferente bem apropriada com a posse abusiva daquilo que é definido como uma poltrona individual.

Não vejo em ninguém o menor mal-estar ou conflito entre estar só, mas ocupar três lugares, ou perceber que o espaço onde estamos, sendo de todos, teria que ser usado com maior consciência relativamente aos outros como iguais e não como inferiores que ficam sem onde sentar porque “eu cheguei primeiro e tenho o direito a mais cadeiras!”.

Trata-se, penso imediatamente, de uma ocupação “pessoal” e hierárquica do espaço, e não um estilo individual e cidadão de usá-lo. De tal sorte que o saguão desenhado para todos é apropriado por alguns como a sala de visitas de suas próprias casas, tudo acontecendo sem a menor consciência de que numa democracia até o espaço e o tempo devem ser usados democraticamente.

Bem na minha frente, num conjunto de assentos para três pessoas, duas moças dormem serenamente, ocupando o assento central com suas pernas e malas. Ao seu lado e, sem dúvida, imitando-as, uma jovem senhora com ares de dona Carlota Joaquina está sentada na cadeira central e ocupa a cadeira do seu lado direito com uma sacola de grife na qual guarda suas compras. Num outro conjunto de assentos mais distantes, nos outros portões de embarque, observo o mesmo padrão. Ninguém se lembra de ocupar apenas um lugar. Todos estão sentados em dois ou três assentos de uma só vez! Pouco se lixam para uma senhora que chega com um bebê no colo, acompanhada de sua velha mãe.

Digo para mim mesmo: eis um fato do cotidiano brasileiro que pipoca de formas diferentes em vários domínios de nossa vida social. Pois não é assim que entramos nos restaurantes quando estamos em grupo e logo passamos a ser “donos” de tudo? E não é do mesmo modo que ocupamos praças, praias e passagens? (...)

Temos uma verdadeira alergia à impessoalidade que obriga a enxergar o outro. Pois levar a sério o impessoal significa suspender nossos interesses pessoais, dando atenção aos outros como iguais, como deveria



ocorrer neste amplo salão no qual metade dos assentos não está ocupada por pessoas, mas por pertences de passageiros sentados a seu lado.

Finalmente observo que quem não tem onde sentar sente-se constrangido em solicitar a vaga ocupada pela mala ou embrulho de quem chegou primeiro. Trata-se de um modo hierarquizado de construir o espaço público e, pelo visto, não vamos nos livrar dele tão cedo. Afinal, os incomodados que se mudem!

DA MATTA, Roberto. *O Globo*, 24. mar. 2010. (Excerto).

Quanto à estrutura do texto, o autor

- a) inicia com uma narração e a permeia, em proporções quase iguais, com trechos argumentativos.
- b) alterna narração, descrição e dissertação, dando mais ênfase à primeira.
- c) opta pela narração, do início ao fim, terminando por expor seu argumento principal no último parágrafo.
- d) apresenta uma teoria no início e a justifica com argumentos e descrições subjetivas.

Comentário: após a leitura, pode-se afirmar que o texto inicia-se com uma narração, relatando fatos ocorridos, o que pode ser comprovado nos trechos iniciais “Estou no aeroporto de Salvador, na velha Bahia. São 8h25m de uma ensolarada manhã de sábado e eu aguardo o avião que vai me levar ao Rio de Janeiro e, de lá, para minha casa em Niterói.” e “Viajo relativamente leve: uma pasta com um livro e um computador no qual escrevo essas notas, mais um arquivo com o texto da conferência que proferi para um grupo de empresários americanos...”. Também há no texto trechos argumentativos, em que o autor expõe seu ponto de vista sobre os fatos, como se pode conferir nos fragmentos “...que excursionam aprendendo – como eles sempre fazem e nós, na nossa solene arrogância, abominamos – sobre o Brasil.” e “Não vejo em ninguém o menor mal-estar ou conflito entre estar só, mas ocupar três lugares, ou perceber que o espaço onde estamos, sendo de todos, teria que ser usado com maior consciência relativamente aos outros como iguais e não como inferiores que ficam sem onde sentar porque “eu cheguei primeiro e tenho o direito a mais cadeiras!”. Dessa maneira, exemplifica-se uma alternância, que há no decorrer de todo o texto, entre o emprego da tipologia narrativa e da argumentativa. Após essa explicação, podemos analisar as alternativas.

- a) Conforme vimos no texto e analisamos na explanação inicial, o autor começa o texto com uma narração e o permeia, em proporções quase iguais, com trechos argumentativos. Assim, a alternativa está correta.
- b) Não há no texto alternância entre narração e dissertação com descrição, uma vez que há poucos trechos descritivos. Também não se verifica ênfase na narração. Logo, a alternativa está incorreta.
- c) No texto em estudo, o autor não opta por narração do início ao fim, pois há alternância de trechos dissertativos e argumentativos. Dessa maneira, a alternativa está incorreta.
- d) Conforme vimos, o autor não apresenta uma teoria no início, mas sim inicia com uma narração relativa ao momento em que ele está no aeroporto. Sendo assim, não há nenhuma justificação com argumentos, e a alternativa está incorreta.

Gabarito: A



Fonética

Questão 9

CESGRANRIO - Auxiliar Legislativo (ALTO)/Manutenção e Conservação/2005

CAMU-CAMU

Arbusto de pequeno porte, podendo atingir até 3 metros de altura, caule com casca lisa. É uma espécie silvestre que ocorre predominantemente ao longo das margens de rios e lagos, com a parte inferior do caule freqüentemente submersa. O camu-camu possui uma concentração de vitamina C em sua polpa, superior à da acerola. Em Roraima onde ela pode ser encontrada em profusão, há até mesmo um bairro da cidade de Boa Vista que tomou emprestado da fruta o nome de caçari pelo qual é mais conhecida na região. Por ser bastante ácida, apesar de doce, é fruta preferida para o preparo de refrescos, sorvetes, picolés, geléias, doces ou licores. A casca deve ser acrescentada juntamente com a polpa da fruta, pois é ela que concentra a maior parte de seus teores nutritivos. O camu-camu é uma espécie tipicamente silvestre, mas com um grande potencial econômico capaz de colocá-lo no mesmo nível de importância de outras frutíferas tradicionais da Região Amazônica, tais como o açaí e o cupuaçu. Mas não é apenas ali que o camu-camu tem futuro: em São Paulo, no Vale do Ribeira, região de mangues e de clima quente e úmido semelhante ao da Amazônia, a planta já começou a ser cultivada com sucesso.

<http://portalamazonia.globo.com/frutas/camucamu.htm>

De acordo com o que leu no texto, responda corretamente à questão.

Há **erro** na separação silábica da palavra:

- a) a – ver – me – lha – do.
- b) pi – co – lé.
- c) Ro – ra – i – ma.
- d) nu – tri – ti – vo.

Comentário:

- a) A palavra “avermelhado”, uma paroxítona, foi corretamente separada na alternativa. No entanto, a questão procura pela separação errônea, o que faz dessa alternativa incorreta.
- b) O vocábulo “picolé” é oxítono e está separado adequadamente. Assim, a alternativa está incorreta.
- c) O vocábulo “Roraima” é paroxítono, devendo ser separado de forma diferente da apresentada na alternativa: Ro-rai-ma, em vez de Ro-ra-i-ma . Como traz a separação indevida, essa alternativa está correta.
- d) O vocábulo “nutritivo” é paroxítono, devendo ser separado assim como foi consta na alternativa: nu-tri-ti-vo. Logo, essa alternativa está incorreta.



Gabarito: C

Fonética

Questão 10

CESGRANRIO - Técnico de Arquivo (BNDES)/2009

A era do tô me achando

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. *Revista vida simples*. out. 2009.

Qual o substantivo em que a vogal tônica **não** é pronunciada, no plural, com o som aberto como no substantivo "corpos"?

- a) Poço.
- b) Bolso.
- c) Socorro.
- d) Imposto.
- e) Esforço.



Comentário: a palavra paroxítona “corpo”, ao ser flexionada no plural, além do acréscimo do “s”, irá apresentar na fala uma alteração no som da vogal da sílaba tônica “cor”, já que há uma troca natural do som fechado “ô” pelo som aberto “ó”. É o que se denomina de plural metafônico. A mesma coisa acontece com outras palavras apresentadas na questão, exceto uma. Vamos verificar isso nas alternativas.

a) A palavra “poço” apresenta o som fechado /ô/ na sílaba “po”. Ao ser colocada no plural “poços”, a palavra apresentará o som aberto /ó/, na sílaba “po”. Como ocorre alteração no som, a alternativa está incorreta.

b) A palavra “bolso” apresenta som fechado /ô/ na sílaba tônica “bol”. Quando a palavra em estudo é flexionada no plural “bolsos”, o som da sílaba “bol” continua fechado. Uma vez que não ocorre a alteração no som da sílaba tônica, a alternativa está correta.

c) A palavra “socorro” apresenta o som fechado /ô/ na sílaba tônica “co”. Ao ser colocada no plural “socorros”, a palavra apresentará o som aberto /ó/, na sílaba “co”. Já que ocorre alteração no som, a alternativa está incorreta.

d) A palavra “imposto” apresenta o som fechado /ô/ na sílaba tônica “pos”. Ao ser flexionada no plural, “impostos”, a palavra apresentará o som aberto /ó/, na sílaba tônica. Visto que ocorre alteração no som da sílaba tônica da palavra, a alternativa está incorreta.

e) O vocábulo “esforço” apresenta o som fechado /ô/ na sílaba tônica “for”. No plural “esforços”, a palavra apresentará o som aberto /ó/, na sílaba “for”. Como ocorre alteração no som da sílaba tônica, a alternativa está incorreta.

Gabarito: B

9 - REVISÃO ESTRATÉGICA

9.1 PERGUNTAS

1. O que é tipologia textual?
2. Qual é a diferença entre tipo e gênero textual?
3. Qual é a sequência lógica esperada em um texto narrativo?
4. Qual é a diferença entre discurso direto e indireto?
5. Quais são os principais tipos textuais que caem em concursos?
6. O que é linguagem verbal, não verbal e mista?
7. Quais são as principais funções da linguagem?
8. O que é metáfora e o que é metonímia?



9. O que é pleonasmo vicioso?
10. Diferencie fonética e fonologia.
11. O que são dígrafos?
12. O que são dígrafos vocálicos?

9.2 PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. O que é tipologia textual?

É o nome dado ao molde/estrutura/padrão usado para a construção de um texto dentro de uma intencionalidade comunicativa. A tipologia textual, portanto, relaciona-se com a estrutura, com o conteúdo e com a forma de apresentação de um texto.

2. Qual é a diferença entre tipo e gênero textual?

Importante fazer a distinção entre tipologia e gênero textuais. O tipo textual é o conjunto de características de um texto.

Por seu turno, o gênero textual seria uma espécie do tipo textual.

Para melhor esclarecer, podemos afirmar que um texto narrativo (tipo) pode ser um romance, um uma crônica ou um depoimento (gêneros).

3. Qual é a sequência lógica esperada em um texto narrativo?





4. Qual é a diferença entre discurso direto e indireto?

No **discurso direto**, o narrador faz uma pausa na sua narração, a fim de transcrever fielmente a fala do personagem, com o escopo de conferir autenticidade ao texto, distanciando o leitor do encargo daquilo que é dito.

No **discurso indireto** há a interferência do narrador na fala da personagem. Aqui, não há as próprias palavras da personagem.

5. Quais são os principais tipos textuais que caem em concursos?

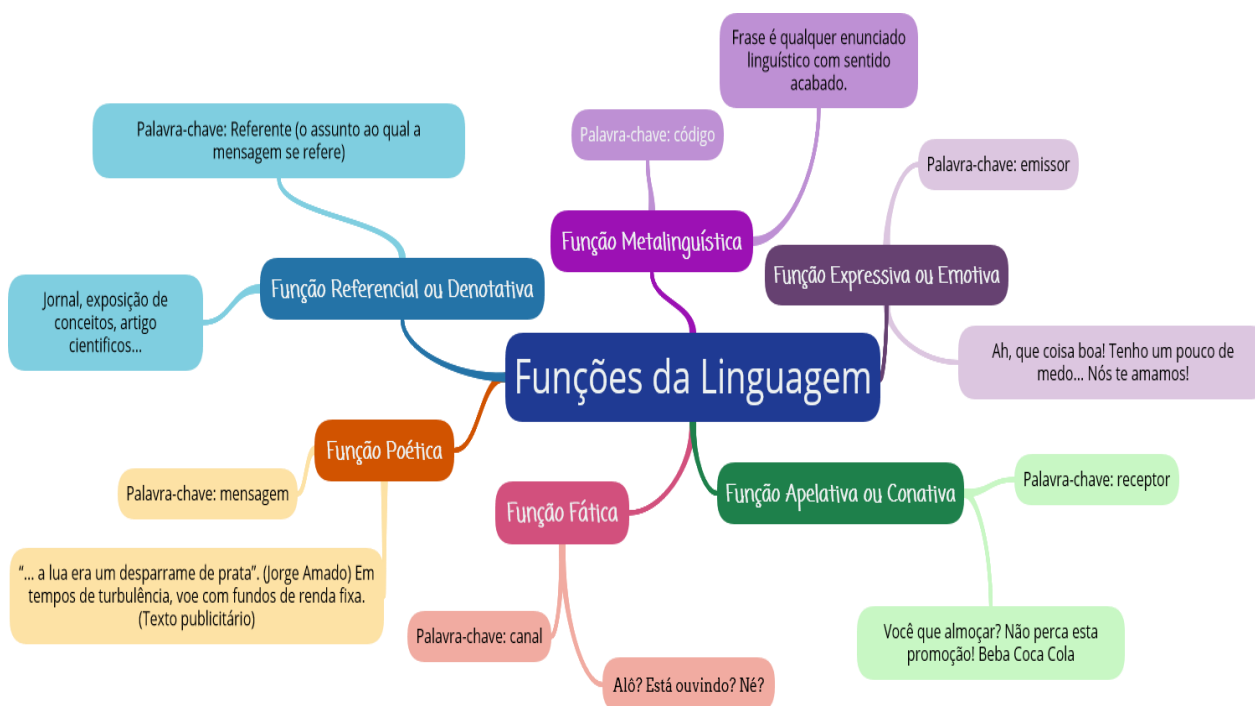
Narração, descrição, injunção e dissertação.

6. O que é linguagem verbal, não verbal e mista?

A linguagem pode ser **verbal** e **não verbal**. Enquanto a linguagem verbal integra a fala e a escrita, a linguagem não verbal aborda diversos recursos de comunicação da fala e da escrita (imagens,

músicas, desenhos, símbolos, etc.). A **linguagem mista** é o uso simultâneo da linguagem verbal e não verbal, encontrada, por exemplo, nas histórias em quadrinhos.

7. Quais são as principais funções da linguagem?



8. O que é metáfora e o que é metonímia?

Metáfora é uma figura de linguagem na qual o uso de uma palavra ou expressão possui o sentido de outra, sendo possível estabelecer, entre ambas, uma relação de analogia, ou seja, é necessário existir mesmo significado (ou elementos semânticos) entre tais palavras ou expressões.

Metonímia ocorre quando há troca de uma palavra por outra por existir entre elas uma relação perfeita entre o todo e a parte.

9. O que é pleonismo vicioso?

O **pleonismo vicioso** é aquele que ocorre quando há repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia. Isso porque, nesses casos, não se trata de figura de linguagem, mas de vício de linguagem. Por exemplo: ambos os dois, subir para cima, hemorragia de sangue, fato real.

10. Diferencie fonética e fonologia.



A **fonética** é o estudo da formação, evolução e classificação dos sons efetivos (reais) da fala, considerando suas variedades. A fonética preocupa-se com os sons da fala em sua realização concreta, ou seja, com os fonemas.

A **fonologia**, por sua vez, dedica-se ao estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

11. O que são dígrafos?

Os **dígrafos** são formados por agrupamento de consoantes representando um único som. Neste caso, portanto, são duas consoantes que representam um único som. Exemplo: CH, LH, NH, SC, RR, QU.

12. O que são dígrafos vocálicos?

São aqueles formados por “am, an, em, en, im, in, om, on, um, um.”

Exemplos: tam-bém, men-ti-ra, lím-pi-do, lon-go, bum-ba.

Servidores, chegamos ao final de mais uma aula. Façam uma boa revisão dos conceitos vistos hoje para gabaritarem as provas de Língua Portuguesa.

Na próxima aula, continuaremos avançando gradativamente, de modo a visitar cada tópico cobrado pela banca examinadora. Estejam atentos aos percentuais estatísticos de cobrança para direcionarem seus estudos, ok?

Forte abraço!

Prof. Carlos Roberto



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.